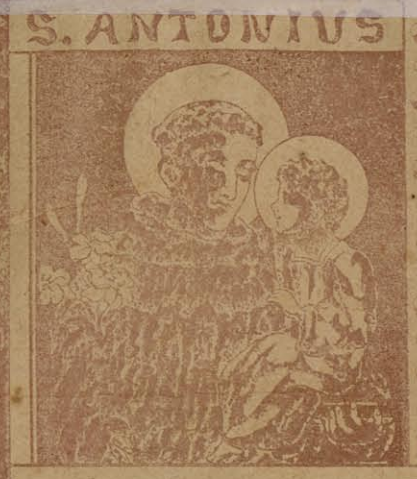


2.º ANNO — 1896
SETEMBRO

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

ORGÃO DA PIA UNIÃO E DO PÃO DE S. ANTONIO E BOLETIM DA ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO

Approvada e abençoada por S. S. o Papa Leão XIII, por S. Em.ª o Cardeal Patriarcha de Lisboa, Ex.mo Nuncio de S. S., Ex.mo e Rev.mo Arcebispo Primaz e Rev.mo Padre Geral dos Franciscanos.

Typ. a vapor de Arthur José de Souza & Irmão
74, LARGO DE S. DOMINGOS, 76

PORTO — 1896

Correspondentes da Voz de Santo Antonio, a quem os nossos estimaveis assignantes podem satisfazer a importancia das assignaturas.

Açores

Ex.mo e rev.mo snr. Conego Antonio Maria Ferreira, dig.mo professor do Seminario d'Angra.

Arco de Báulhe

Rev.mo snr. Padre Bento Queiroz.

Arcos de Val de Vez

Fortunato de Sá.

Aveiro

Rev.mo snr. Padre José Maria de Souza Marques.

Boticas

Rev.mo snr. Padre Antonio Lopes Pereira, dig.mo parocho de Pinho.

Barcellos

Ex.mo snr. Francisco Antonio de Faria.

Bragança

Antonio Accacio de Castro Valente.

Coimbra

Rev.mo snr. Padre João Maria Pinto da Gama, Convento de S. Thereza.

Covilhã

Rev.mo snr. Padre José da Costa e Oliveira.

Guaratinguetá (Brazil)

Ex.mo snr. Victor Amadeu Veiga.

Guimarães

Ex.mo snr. José Joaquim Gomes, rua Nova do Commercio, 81 a 84.

Guarda

Rev.mo snr. Padre Antonio Pallos Pereira, Parada.

Lamego

Rev.mo snr. Padre José Pereira Pinto, capellão do Hospital.

Leiria

Rev.mo snr. Padre Domingos Cortez da Silva Curado, loja do snr. Manoel Pinto da Silva.

(2.º CORRESPONDENTE)

Rev.mo snr. Padre Manoel Gaio, Rigueira de Pontes.

Lisboa

Rev.mo snr. Padre Joaquim Gomes de Jesus, rua da Estrella, 21.

(2.º CORRESPONDENTE)

Rev.mo snr. Padre Antonio Rodrigues Soares, Parochial dos Anjos.

Loulé (Algarve)

Rev.mo snr. Padre J. Antonio da Silva

Ilha do Fayal (Açores)

Ex.mo snr. Caetano Augusto Moniz Junior, Horta, rua de S. João, 11.

Ilha de S. Miguel (Açores)

Ex.mo snr. Antonio Vaz Pacheco de Castro, residente na cidade de Ponta Delgada.

Monsul

Rev.mo snr. Padre Manoel Francisco de Mattos Vieira.

Mezãofrio

Rev.mo snr. Padre Antonio Correia da Silva.

Paços de Ferreira

Ex.mo snr. José Maria de Freitas Carneiro.

Paderne (Algarve)

Ex.mo snr. José Martins Pontes.

Paredes de Coura

Rev.mo snr. Padre Narciso C. Alves da Cunha.

Ponte da Barca

Rev.mo snr. Padre Antonio Cesar d'Araujo.

Porto

Ex.mo snr. Commendador João Francisco de Moraes, rua de D. Pedro, 72.

Povoa de Varzim

Rev.mo snr. Padre João Manoel Trocado.

Ribeira de Pena

Rev.mo snr. Padre Antonio Joaquim Alexandre, (Limães).

Rio de Janeiro (Brazil)

J. R. Sucena, rua da Quitanda, 86 a 88.

Santarem

Rev.mo snr. Padre José Pereira Gonçalves das Neves, (Collegio de Santarem).

Setubal

Ex.mo snr. Carlos Augusto da Costa Pinto, rua do Forte, 1.

Silves

Rev.mo snr. Padre José de Souza Guerreiro, (dig.mo Prior de Silves).

Santo Thyrso

Rev.mo snr. Padre José Vicente Correia d'Abreu, dig.mo Abbade de Santa Christina do Couto.

Tentugal

Rev.mo snr. Prior Julio de Carvalho.

Thomar

Rev.mo snr. Padre Firmino, dig.mo Vigario da Vara, Olalhas.

Torres Novas

Rev.mo snr. Padre Antonio Ferreira de Souza.

Valença e Villa Nova de Cerveira

Rev.mo snr. Padre Manoel José Esteves (Gondarem).

Villa Flôr

Rev.mo snr. Padre Antonio José de Moraes.

Villar Formoso

Ex.mo snr. dr. Manoel Antonio Monteiro Simões.

Villa-Meã

Rev.mo snr. Reitor de Mancellos.

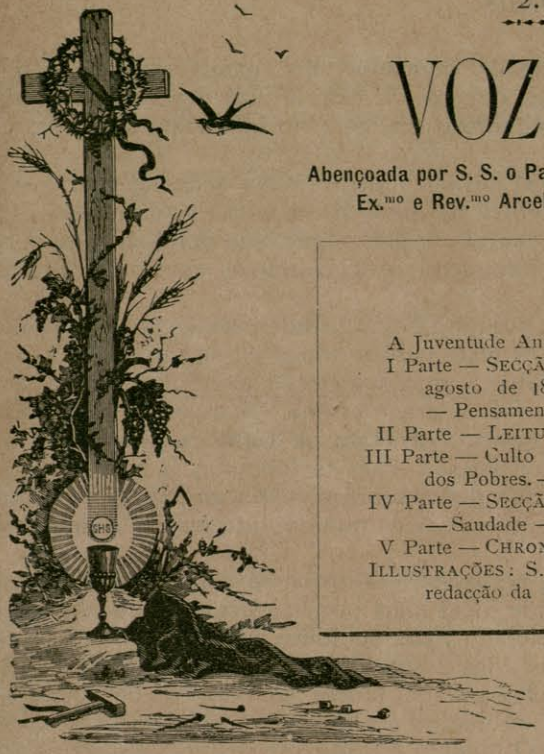
Villa de Punhe

Rev.mo snr. Padre Antonio d'Araujo Coutinho.

Villa Real

Padre Damião Martins, (Collegio).

2.º Anno — N.º 21 — SETEMBRO 1896



VOZ DE S. ANTONIO

Abençoada por S. S. o Papa Leão XIII, por S. Em.ª o Cardeal Patriarcha de Lisboa, Ex.mo Nuncio de S. S Ex.mo e Rev.mo Arcebispo Primaz, Arcebispo d'Evora e Rev.mo Padre Geral dos Franciscanos

SUMMARIO

A Juventude Antoniana.
I Parte — Secção doutrinal: O Imponente Congresso de Reims nos dias 17 a 21 de agosto de 1896. — Exposição da Regra da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia. — Pensamentos. — Anedoctas.
II Parte — Leituras recreativas: A vocação de Deus.
III Parte — Culto de S. Antonio — Graças — Petições. — Chronica da Pia União e do Pão dos Pobres. — Echo das Missões.
IV Parte — Secção scientifico-litteraria: A Politica debaixo do ponto de vista social. — Saudade — Risos (poesias).
V Parte — Chronica universal: Illustrações do presente numero — Varia — Bibliographia.
Illustrações: S. Antonio da Egreja dos Terceiros — Vista do Collegio de S. Boaventura, redacção da *Voz de S. Antonio*.

Redacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

Juventude Antoniana

Tal é o nome de guerra de uma nova phalange, entrada em combate activo no exercito de Christo, debaixo da bandeira do Estigmatisado Francisco, capitaneada pelo seu tenente geral, S. Antonio de Lisboa.

Com effeito, não faltava mais nada para alistar todas as classes, todas as edades, em um só e poderosissimo exercito, que militasse ao commando do mais valente dos capitães do Senhor, do que esta nova milicia. Por isso, piamente cremos que foi elle, S. Antonio, quem a inspirou.

N'um seculo, como o nosso, em que a corrupção invade desaforadamente o lar domestico, corrompendo os innocentes n'uma edade tão precoce ainda, que se não podem defender contra a corrente do mal, porque a luz da razão tem de atravessar muitas vezes uma atmosphera já infícionada, quando vem illuminar aquelles pequeninos cerebros, a ultima obra de S. Antonio era indispensavel, era absolutamente necessaria.

A *Juventude Antoniana* é uma associação para creanças e jovens, de 10 a 20 annos.

O seu fim é não só preserval-os de todo o contagio do mal, como as demais associações que já existem para a mocidade, mas tambem armal-as para mais tarde se poderem e saberem defender contra os innumeraveis inimigos que hão-de topar na senda perigosa da vida.

Os meios que para este fim teem á sua disposição os associados da Congregação da *Juventude Antoniana*, acham-se indicados assim nos estatutos da Pia União de S. Antonio, que esta associação toma por base e ponto de partida, como nos estatutos particulares d'esta mesma Congregação. Os principaes, porém, são: a devoção a S. Antonio, pela pratica das suas virtudes, e as reuniões ou conferencias, em que se explicam aos associados os pontos da religião, mais controvertidos pelos seus adversarios, indifferentes ou propositadamente maus. N'uma palavra, a *Juventude Antoniana* é uma eschola pratica de virtude e sciencia religiosa-social.

Esta associação é para os dois sexos, em congregações distinctas, mas governadas pelos mesmos estatutos, e pelo mesmo Director.

Poderá objectar-se: mas não existem já varias congregações para os jovens, aptas, todas ellas, para os salvaguardar dos perigos que ameaçam a mocidade nos tempos criticos que vão correndo? Não teem ellas dado exhuberantes provas da sua efficacia? Sim, existem, bem o sabemos. Mas nem por isso deixa de vir a proposito a Congregação da *Juventude Antoniana*. Em primeiro logar porque não é superflua, nem faz mal se houver mais um refugio para os jovens que sympathisarem com S. Antonio; *quod abundat non nocet* sobretudo n'esta materia. Depois, porque, modestamente o dizemos, talvez muito poucas das já existentes tenham para a mocidade os attractivos que apresenta a nova Associação dos meninos de S. Antonio. Não ha santo popular como elle. Não ha lar domestico onde se não veja honrada a sua imagem, onde se lhe não dirijam fervorosas preces. Todos se recordam de na sua infancia terem aprendido fervorosas preces em honra do encantador santo dos milagres.

Desde tempo immemorial as familias costumaram consagrar seus filhos ao glorioso Santo Antonio para que os livrasse dos embustes do demonio.

Qual é a creança que não tem saltado a fo-

gueira que na sua aldeia se accende todos os annos, no dia de S. Antonio, e no meio dos seus brinquedos innocentes, por entre os estalos do fogo, não tem gritado com toda a força dos seus pequeninos pulmões, n'aquella noite de immensa alegria, *viva S. Antonio!?*

E' por isso que S. Antonio conquista o coração da juventude, ainda pelo lado que ella tem de mais fraco, a alegria.

Depois, a imagem do Santo em si mesma, tão risonha, tão cheia de encantadora doçura. A sua vida é das mais poeticas e quasi romantica. Não ha quem, ao lel-a, não encontre uma graça infinita em certos casos verdadeiramente reaes, que a povoam.

As creanças ao lel-a acham alli não sómente uma lição moral mas até um recreio.

E é d'isto que os espiritos ainda tenros, as intelligencias ainda incapazes de comprehender elevados argumentos, ou de perceber a força de extraordinarios milagres, teem necessidade para os captivar e affeiçoar ao bem.

Quem attentamente considerar uma imagem de S. Antonio, tal qual vulgarmente se costuma pintar ou esculpir, verá que acha n'ella os emblemas de quanto a mocidade ha mister para ser honesta, briosa e bem educada.

A physionomia do Santo já a descrevemos. Mas o que apparece n'elle de mais encantador é aquelle menino que nunca lhe sae dos braços e que elle parece offerecer de contínuo aos que ajoelham a seus pés ou contemplam a sua imagem. Parece dizer a todos com um sorriso ineffavel: «eis o meu menino que docemente se reclina sobre o meu peito! Este é Jesus, é Deus, é o creador dos ceus e da terra. Possuil-o é o paraiso; amal-o é a felicidade eterna. Eu o possuo, eu o amo. Tambem vós o quereis, por certo, amar e possuir; segui as minhas pisadas.» Aos seus congregados da *Juventude Antoniana*, elle propõe-n'o como modelo da mocidade. E, com effeito, que melhor exemplar podem seguir as creanças e os jovens do que Jesus pequenino no Egypto e em Nazareth, e mais tarde adulto na officina de S. José? E' este o grande modelo que S. Antonio offerece aos seus jovens. Felizes d'elles se o imitarem.

Mas, juntamente com o Menino Jesus, ha ainda mais dois symbolos que adornam a imagem de S. Antonio. E' um livro, que figura a Sagrada Escriptura, e uma açucena.

Que de mysterios em cada um d'estes emblemas! A Escriptura, os Evangelhos, deviam ser a lição mais favorita de todo o homem. E haverá meio mais salutar de incutir no animo dos jovens amor pelos Livros Santos, que apresentar-lhes a sua leitura como uma das virtudes a seguir, virtude excelsa do seu modelo e protector, a Arca do Testamento, S. Antonio?

Mas não é apenas a leitura das paginas sagradas, que aquelle livro, que S. Antonio tem na mão, recommenda aos seus jovens associados; é tambem a lição de todo o bom livro em geral, instructivo, moralisador, educador dos bons costumes e dos proprios deveres. E esta leitura é aconselhada aos Congreganistas de S. Antonio pelos seus estatutos.

Por ultimo, uma formosa açucena tem o seu logar entre as mãos do mavioso Santo, que a estreita contra o peito, como que deleitando-se com a sua formosura, e deliciando-se com o seu aroma celeste.

E porque? Foi a virtude predilecta de Antonio desde os mais verdes annos da sua infancia, a pureza illibada, que a açucena symbolisa com a sua alvura, formosura e aroma. Quando elle era ainda o rico joven Fernando de Bulhões, já a praticava em grau heroico. Para testemunho, lá está gravada com o seu dedo, sobre o marmore da Cathedral de Lisboa a cruz com que elle afugentou o demonio impuro.

E, perguntamos agora, se poderá apontar-se á mocidade ideal mais perfeito, protector mais desvelado, modelo mais sublime, virtudes mais proprias e necessarias á sua idade, do que as synthetisadas maravilhosamente n'uma só imagem de S. Antonio. O protector é elle, o thaumaturgo por excellencia. O modelo é Jesus que sustenta em seus braços; as virtudes: o livro e a açucena, ou o estudo e a pureza.

De que mais póde carecer um adolescente?! E existirá para os jovens portuguezes esta bella Associação? Sim, existe. Braga, que tem tido a gloria de iniciar em Portugal o grande movimento religioso, despertado no seculo presente pelo inclyto S. Antonio, o santo social e universal, foi tambem a primeira a crear para os jovens que a povoam a associação da *Juventude Antoniana*. Deu-se-lhe principio no dia 15 d'agosto proximo passado, dia do nascimento de S. Antonio, ha 701 annos, na cidade de Lisboa.

Na sala da Meza da Veneravel Ordem Terceira, da cidade de Braga, pelas 5 horas da tarde, houve a primeira reunião para se proceder á eleição dos jovens que deviam formar a meza da direcção. A sala achava-se ricamente adornada, com grande profusão de flores e varios emblemas.

Terminado o acto, desceram todos á Igreja, onde se cantou o *Tantum ergo* e se deu a benção com o SS. Sacramento.

No dia 29 do mesmo mez, na Igreja dos Terceiros, no altar de S. Antonio, houve a consagração da nascente associação ao seu protector, e a imposição das medalhas de S. Antonio a todos os associados, com as quaes deviam sair na procissão que no dia seguinte devia ir ao Monte Sameiro, em peregrinação.

O fervor e o enthusiasmo dos jovens de Braga, pela nova Associação, é cada vez maior. E' assim que tendo apenas um mez de existencia, conta já para cima de setenta jovens associados, das melhores e mais distinctas familias de Braga.

Não admira. Quem ha hoje, n'esta cidade sobretudo, que não ame apaixonadamente a S. Antonio? A mãe que recebeu uma graça para seu fi-

lho, deseja consagral-o ao seu bemfeitor, em reconhecimento pelos favores obtidos.

Por isso, alimentamos ás mais fagueiras esperanças de que esta Associação será em breve numerosissima, e se estenderá por todo o paiz, como por todo elle se vae dilatando o rejuvenescer da devoção sincera ao poderosissimo S. Antonio. Assim seja.

Secção doutrinal

A Veneravel Ordem Terceira da Penitencia de S. Francisco d'Assis

O Imponente Congresso de Reims, nos dias 17 a 21 d'agosto de 1896

Mais uma vez os valentes soldados de Christo, que militam debaixo das bandeiras do Pobresinho d'Assis, tiveram a sua reunião magna que os devia reconfortar na mesma fé, animar do mesmo espirito e armar das mesmas armas para os combates que os esperam a elles e a todos os filhos da Igreja.

D'esta vez o exercito acampou em Reims, cidade por mais d'um titulo cara a toda a França. N'ella foi regenerado pelas aguas do Baptismo o primeiro rei christão dos Francos e a França, desde então, ficou officialmente consagrada ao serviço de Deus e da sua Igreja, a cuja disposição teve sempre a sua espada forte e o valor inquebrantavel do seu braço.

São realmente consoladores e extraordinarios os progressos da Ordem Terceira de S. Francisco na sua acção social atravez das massas extraviadas. O Papa fallou e a sua voz não foi um echo que morreu na solidão.

Pio IX e Leão XIII empenharam-se na sua obra querida; a regeneração social pela Ordem Terceira, e eil-a coberta dos fructos que a sua seiva poderosa era apta para produzir.

Será o dr. Flavio, redactor de *L'Avenir*, de Reims, que foi o jornal official do Congresso, quem nos ha de dizer a importancia monumental que attingiu esta obra dos Filhos do Patriarcha Seraphico, em prol da sociedade decadente.

«Depois das magnificas reuniões do clero, escreve o dr. Flavio, algumas das quaes já se realisaram e outras ainda se estão preparando, não ha nada tão importante como esta assembleia de Terceiros, chegados dos diversos pontos do nosso paiz, para tratarem com ardor da redempção dos humildes pela acção apostolica da Ordem Terceira.

Emquanto se discutem os meios de que se deve lançar mão para assegurar ás differentes confraternidades e aos seus membros maior colheita das virtudes franciscanas, os congressistas não esquecerão os que vivem na miseria e os innumeraveis soffrimentos das multidões que o egoismo e a impiedade perverteram roubando-lhes o seu Deus Christo Jesus. Ha-de merecer-lhes um grande interesse a acção popular, tão necessaria e tão urgente nas actuaes circumstancias, sem sahir do espirito franciscano, nem omittir os exemplos do Pobre d'Assis. Não se é Terceiro só para si, mas tambem para os outros; não se póde ser filho de S. Francisco, em espirito e verdade, senão quando formos tudo para os que soffrem, para os cançados da vida, para os extraviados.

A Providencia que vella sollicita sobre o berço da familia franciscana, tem conservado para licção dos tempos egoistas e duros em que vivemos o eremiterio de S. Damião, em Assis. Escondido entre as oliveiras que orlam a cidade d'Assis e coroam seus montes, repete ás almas insensiveis e frias d'hoje o que o movimento franciscano foi na sua origem: a renovação do espirito da simplicidade e da pobreza evangelicas e d'uma terna piedade para com os desgraçados.

Seria melhor entregar-se apenas ás doçuras da contemplação? Seria preferivel, pelo contrario, renunciar a ellas e percorrer o mundo, reanimando os fracos, confortando os desfallecidos, libertando os oprimidos, e, n'um amplexo universal do amor do Evangelho, restituir a tudo, aos grandes e aos pequenos, aos ricos e aos pobres a liberdade de filhos de Deus e o prazer de consolações perdidas?

Taes eram as perguntas que fazia a si mesmo o humilde Patriarcha receando não realisar por completo o seu ideial, nem dar sufficiente expansão aos ardores da caridade fraternal que lhe abrazava o coração.

N'esta conjunctura, confiou a S. Clara, sua filha primogenita, as duvidas que o atormentavam. Esta não hesitou sobre a resposta a dar-lhe. Estendendo a mão como para indicar-lhe ao longe a messe já madura para a cultura do Evangelho, explicou-lhe como a vontade de Deus o chamava para o fazer seguir por todos os caminhos, para subir até Elle por todos os calvarios, para descer a todas as masmorras sociaes onde ha corações que soffrem, agonias a suavisar e captivos a libertar. Ouvida a voz do ceu, Francisco partiu...

A sua patria, a Italia, offerecia então o espectaculo d'uma das maiores iniquidades sociaes. A propriedade feudal esquecera o dever de protectora dos fracos para se tornar a sua oppressora. Os ricos esmagavam sem piedade os pobres.

Era urgente acudir aos gemidos das multidões desesperadas. Francisco abriu-lhes então um refugio seguro; a Ordem Terceira. E' sabido que os canones da Igreja prohibiam que os religiosos fossem obrigados a pegar em armas, e garantiam a immunidade d'estes, que o poder feudal não podia violar sob pena de anathema.

Desde logo, a profissão da Ordem Terceira foi a salvação popular. A promessa que os infelizes faziam ao entrar n'esta ordem de viver n'ella segundo o espirito evangelico era o passaporte da sua liberdade. Emancipava-os da tyrannia dos grandes proprietarios feudaes, e, qual espada de

dois fios, cortava os laços que retinham o povo escravo dos poderosos da terra.

D'esta forma, o celebre Pobresinho, não foi sómente a expressão fiel da pobreza, da simplicidade e do amor evangelico, mas foi tambem o denodado campeão das liberdades populares, e quantos bons serviços a sua Ordem Terceira prestou outr'ora, póde e deve continuar a prestal-os ainda hoje, graças á constituição admiravel que a governa e ao poderoso ideial que a concebeu e realisou.

O feudalismo não está de todo destruido, como talvez se imagine; se mudou de nome e de forma, subsiste ainda no seu principio egoista e barbaro. D'antes assentava sobre o solo, hoje é sobre o capital.

Este feudalismo financeiro abarca tudo. Com os capitaes que concentra em suas mãos, dispõe das materias primas, dos instrumentos de producção e dos productos do trabalho. Compra os jornaes, corrompe a imprensa, sujeita o povo aos horrores do proletariado, e impõe-lhe, ao mesmo tempo, o jugo da incredulidade e da fome.

São as duas formas da tyrannia que convem combater, e, a não ser que estejamos em vesperas do fim do mundo, não podemos admittir que Deus tenha largado de suas mãos a sociedade moderna, impotente perante uma vexação tão enorme que a opprime ao mesmo tempo no corpo e na alma.

Leão XIII, na sua preclara Encyclica *Auspicato* traçou o plano a seguir pelos Terceiros, para realisarem a restauração christã da sociedade.

Depois de tão cathegorica declaração da S. Sé, seria superfluo insistir sobre a efficacia do Apostolado da Ordem Terceira e sobre os resultados a esperar da sua acção popular.

Como sempre, a efficacia do combate que é necessario travar contra a corrupção das almas pela imprensa, e contra a escravidão do trabalho pelo egoismo, depende do espirito de que estiverem animados os Terceiros.

Este espirito não póde ser outro senão o do Pobre d'Assis, em virtude do principio: que nenhuma instituição é duradoura nem attinge o seu fim senão emquanto conservar e fizer reviver a alma que a animou na sua origem.

Quanto desejamos nós que esta alma do grande Patriarcha Francisco reviva em cada um dos Terceiros, e particularmente nos congressistas de Reims! Graças a Deus, ainda mesmo na hora presente, não faltam almas que pensam com reflexão. Teem seus momentos de retiro em que evitam tudo quanto são banalidades, e lá se contemplam na mansão continua da consciencia, onde só se escuta a voz da verdade. Examinam-se, julgam-se, interrogam-se e convencem-se que nada sobrevive a illusões falsas, a esperanças fallazes. Uma ideia salvadora brilha então para elles: é o regresso á simplicidade evangelica na qual achariam vida, força e liberdade. Debaixo da cinza de paixões extinctas, sentem accender-se o amor de Deus rejuvenescido e puro, a inclinar-se para os desgraçados e pequenos do mundo.

Não ha que extranhar. A nossa civilisação complicada, incommoda, torna-se insuportavel. É um Moloch horrivel que bebe as lagrimas do pobre e devora a carne dos pequenos.

D'ahi, a reacção das almas desejosas de encontrar na simplicidade do Evangelho as condições verdadeiras da vida e o segredo da paz e da alegria perduraveis.

O congresso dos Terceiros em Reims é uma manifestação d'este estado dos espiritos que desejam reconquistar a sua liberdade; é uma disposição profundamente christã que nos permitte esperar da sua influencia a restauração social e religiosa tal qual é para desejar.»

Vamos apresentar os capitulos do programma do Congresso que conteem as materias de que se tratou em cada um dos dias.

1.º *dia — A Fé Catholica.* — Obras de Fé: obras Eucharisticas, Peregrinações, obras diversas. Meios de propagar a fé e avival-a entre os christãos. Reivindicações em favor da liberdade da fé.

2.º *dia — A Vida Christã.* — O Evangelho. Obras que favorecem a vida christã: sanctificação do domingo, familia christã, circulos d'operarios catholicos, officinas christãs, casas de commercio christãs em opposição aos exploradores judeus. Missão social da Ordem Terceira n'estas differentes obras.

3.º *dia — A Caridade Christã.* — Obras de Caridade. Liberdade das associações catholicas. Commissão especial: arte christã.

O discurso da abertura do Congresso foi pronunciado pelo Vigario Geral de Luçon, o P. G. Simon, na Igreja de S. Thiago de Reims. O orador dividiu o seu bello discurso em duas partes.

Na primeira historiou as grandezas da Ordem Franciscana desde S. Francisco até nossos dias. Recordou as obras mais importantes dos filhos do Patriarcha Seraphico, demonstrando as vantagens que elles procuraram para as artes, para as sciencias, e, sobretudo, no campo evangelico, tanto entre os povos cultos, como no meio dos selvagens, pelas missões em todas as partes do mundo.

Na segunda parte, o brilhante orador, que por vezes arrancou enthusiasticos applausos á assembleia, referiu-se particularmente á Ordem Terceira, pondo em relevo a sua importancia social. A solução de todas as difficuldades, disse, é Christo. Mas a Ordem Terceira, copiando as virtudes de seu insigne fundador, segue de perto a Christo, é ella, pois, que nos ha de resolver com maior certeza os graves problemas sociaes. Mas, é preciso trabalhar. S. Francisco foi um santo de acção. Todos os seus filhos das tres ordens o devem ser tambem.

No dia seguinte, 18, todos os congressistas e

S. Antonio da Egreja dos Terceiros.

uma multidão enorme de Terceiros se achavam reunidos na cathedral, ás 7 da manhã, para assistir á missa do Congresso. O P. Alfredo, franciscano capuchinho, provincial da Provincia de Tolosa, prégou ao auditorio.

Terminada a missa e a conferencia, todo o ovo, n'um enthusiasmo delirante, despertado pela viva que o animava entoou o *Credo,* seguido de utros canticos populares.

A's 10 da manhã, sessão solemne.

O Rev.mo P. Luiz Antonio, delegado do Rev.mo P. Geral dos franciscanos capuchinhos, e presidente do Congresso, pronunciou uma brilhante allocução, estabelecendo um parallelo entre o celebre Capitulo das *Esteiras,* no tempo de S. Francisco, e o Congresso de Reims. A comparação frisante, em phrase alevantada e eloquente, era, por vezes, interrompida, pelos applausos da multidão.

Em seguida, o P. Adolpho, capuchinho e commissario geral do Congresso leu o relatorio da abertura do mesmo, e após elle o Rev. P. Julio do S. Coração, franciscano, homem d'um zelo incansavel pela propagação da Ordem Terceira, leu um magnifico relatorio sobre o estado da Ordem em França. Este bello discurso foi applaudido com tal enthusiasmo, que só pode ter comparação no ardor com que foi pronunciado.

Seremos felizes em dar, em tempo opportuno, aos nossos leitores, a traducção d'este insigne trabalho, juntamente com algumas noticias do celebre congresso de Limoges, celebrado o anno passado, e promovido pelo mesmo P. Julio, commissario geral da Ordem Terceira em França.

Na tarde do mesmo dia reuniram as commissões eucharistica e da imprensa.

Na assembleia geral vespertina, o P. Maria Bernardo assignalou a acção dos Terceiros na reorganisação das forças catholicas. O P. Henrique fallou da formação das bibliothecas franciscanas da Ordem Terceira. M. Charreaux, professor na Universidade catholica de Lille, reivindicou a liberdade do ensino secundario.

A' noite desfilou uma brilhante procissão de congressistas, religiosos da primeira e da terceira ordem, na basilica de S. Remigio, levando em triumpho as reliquias do santo e o manto de S. Francisco, que os religiosos haviam trazido expressamente do convento de Paris, para consolação dos peregrinos franciscanos que acudissem a Reims, por occasião do congresso.

Esta ceremonia encerrou os actos do primeiro dia do Congresso.

Santo Protector para o mez de outubro

S. Francisco d'Assis, nosso glorioso patriarcha.

Absolvição geral

Dia 4 — Festa de N. P. São Francisco.

Indulgencias a lucrar

Plenarias: No dia 4 — S. Francisco d'Assis.

6 — Santa Maria Francisca das Cinco Chagas, virgem, da O. III.

13 — Santos Daniel e companheiros martyres, da I. O.

19 — S. Pedro de Alcantara, confessor, da I. O.

23 — S. João Capistrano, confessor, da I. O.

Virtude a imitar

Desapegar nosso coração das cousas da terra e aspirar sempre ás do ceu.

Maxima espiritual de S. Francisco

Aquelle ama verdadeiramente o seu inimigo que se não doe da injuria recebida, mas sim do peccado de sua alma por amor de Deus e lhe mostra amor com obras.

CHRONICA DA ORDEM TERCEIRA

No dia 10 morreu n'esta cidade o Rev.º Padre Bento José da Cruz Barros, zelosissimo commissario da V. Ordem Terceira de Nossa Senhora de Porto d'Ave.

E' grande a falta d'este obreiro do Senhor, e fiel imitador de seu Patriarcha S. Francisco, maior porém seria, se não fosse tão bem substituido pelo Rev.º Capellão do mesmo Santuario.

Recommendamos a todos os irmãos terceiros, que pertencem á confraternidade da Senhora do Porto, tenham em vista os suffragios a que estão obrigados, na morte de qualquer irmão, e com mais razão a suffragar a alma de quem tanto os amava, e que muito trabalhou para tornar a Ordem Terceira da Senhora do Porto um verdadeiro centro de piedade christã e franciscana.

O Rev.º Padre Joaquim Baptista de Macedo Athayde, foi nomeado Commissario da Veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora do Porto d'Ave.

O Rev.º Padre José Martins da Silva Conceição, prior de S. Maria dos Olivaes, recebeu faculdade para admittir á V. O. Terceira; desejaremos que brevemente se possa erigir uma confraternidade.

* * *

PENSAMENTOS

Um bom conselho é uma boa lição.

*

Paga ao operario antes que elle enxugue o suor da fronte.

*

Todo o homem tem duas caixinhas: n'uma conserva os defeitos do seu proximo, na outra, os seus: mas costuma mostrar só a primeira.

*

A humildade é a sublimidade humana.

*

Todos podemos adiantar no caminho da virtude, mas nem todos queremos.

*

A paciencia na desgraça diminue a intensão da dôr.

*

E' mais perigoso o fingido amigo, que o declarado inimigo.

*

O escuro da ingratidão não eclipsa o brilho á beneficencia.

*
* *

ANECDOTAS

Como tantos:

Um pequeno mendigo, com lagrimas na voz:— Eu sou orphão; meu pae está no Limoeiro e minha mãe está em Rilhafolles, e se eu vou para casa sem dinheiro elles batem-me.

*

Seja no singular...

A' porta do Suisso:

— Has-de concordar, Arthur, em que somos dois estupidos.

— Homem, fazes favôr de fallar no singular.

— Seja assim; has-de concordar que és um estupido.

*

Molestia chronica:

— Então, doutor, que tal acha minha mulher?

— Um pouco doente. A lingua, sobretudo, é má.

— Então a molestia é chronica!

— Porque?

— Porque isso de má lingua é cousa que ella tem desde que nos casamos.

*

O maior homem do mundo:

Achavam-se um dia jantando n'uma casa de pasto um coronel, um theologo, um medico, um poeta, um economista e um philosopho. Em certa altura do jantar, o coronel, empunhando o copo, exclamou:

— Brindo ao primeiro homem do mundo, que foi Alexandre Magno.

— Nego, interrompeu o medico, o primeiro homem do mundo foi Galeno.

— Protesto, exclamou o theologo, o primeiro homem do mundo foi S. Bernardo.

— Não admitto, bradou indignado, assestando a luneta ameaçadora e lançando o cabello para traz, o poeta; o primeiro homem do mundo foi incontestavelmente lord Byron.

— Ignorantes! accrescentou o economista, quem foi o primeiro homem do mundo senão Malthus?

— Não posso admittil-o, senhores! gritou irado o philosopho, o primeiro homem do mundo foi Descartes.

O creado, que tinha entretanto vindo mudar os pratos, e parára a ouvir a divergencia de opiniões, exclamou com uma gargalhada epigrammatica:

— Ah! ah! E chamam-se os senhores sabios! O primeiro homem do mundo foi Adão!

Os convivas fizeram côro com a gargalhada do creado, e acabaram por concordar em que elle tinha rasão.

Leituras amenas

A VOCAÇÃO DE DEUS

JOANNA tem dez annos. Nada mais encantador que aquelle rosto nobremente altivo, aquellas faces côr de rosa, molduradas nos anneis d'ouro de duas longas madeixas, cahidas sobre os hombros em symetrica desordem; os olhos, d'um azul pallido, mas dôces e profundos, contrastam singularmente com a vivacidade que lhes transparece nas feições. Dir-se-ia uma radiante figura d'anjo furtada á téla d'algum insigne mestre.

João tem menos dois annos. Se não fora a grande solicitude e gravidade imperturbavel com que Joanna se desempenha com elle dos deveres d'uma *mãesinha*, ninguem presumiria que são irmãos. Os cabellos são negros d'ebano, o rosto atrigueirado, olhos faiscantes de lume, modos independentes e promptos; não poderia ser mais flagrante o contraste.

Trajam ambos de luto... Um dia o pae e a mãe dirigiram-se á capital attrahidos do engodo quasi sempre illusorio, d'uma rapida fortuna. Deixaram o campo; mas o viver indolente e effeminado da cidade arruinou logo aquellas constituições, d'antes tão robustas e vigorosas. O pae morreu tisico, a mãe a custo teve forças para regressar com os filhos ao paiz natal. Mal chegada ali, escondeu-a logo uma fria lousa no cemiterio da aldeia.

As duas creanças assim desamparadas, foram desde então viver para a granja de C. com uns parentes que lá tinham, dous bons velhos, de costumes patriarchaes, muito estimados em toda a visinhança, e a quem vulgarmente chamavam o tio Ricardo e a tia Claudia. Separado de muito tempo dos filhos que ainda lhes restavam, o velho abegão consagrou aos dois orphãos toda a ternura de seu já gasto coração; e á tia Claudia abriu-se-lhe no peito uma veia mais abundante de maternal carinho.

«Mulher, dizia ás vezes tio Ricardo com uma apparente convicção, quando, de volta dos trabalhos do campo, surprehendia a boa da velha e as ledas creanças n'uma affectuosa troca de caricias e afagos, mulher, bem receio que os estragues com tanto mimo.»

Sem a menor sombra de ciume, tia Claudia apertava mais fortemente os dois pequenitos contra o coração, e, com rosto alegre, n'um sorriso d'immensa felicidade, retrocava.

«E' verdade, meu homem, talvez ácerca d'isto tenham alguma coisa de que accusamos ao senhor prior, porque, a dizer verdade, parece-me que nunca amámos os nossos como agora estes.»

Mas tal peccado, se é verdade que existia, não molestava a consciencia de tio Ricardo, porque sobre os dois innocentes vasava a flux toda a ternura de seu coração, como no campo atirava á terra as mãos cheias de semente, bem certo de que havia de germinar n'aquellas almas tão virgens, e que lhe daria, lá para os cançados dias da velhice, abundante messe d'alegria e felicidade.

Os pequenitos são já a vida e o encanto de toda a granja. Ao ar do campo que lhes vae colorindo as faces e ao halito da fé que lhes aviventa a alma, lá vão abrindo e exalando os suaves perfumes da innocencia.

N'uma tarde fim de verão (era um domingo) foram-se pela granja abaixo, mettendo por uns atalhos orlados d'abundante feno que lhes dava pelos olhos, e de viçoso trevo que então se agitava em caprichosas ondas, baloiçado pela brisa da tarde. João, apesar de seus modos independentes, seguia docilmente a irmã, detendo-se apenas, aqui e além, para estender a mão e afagar as numerosas vacas

leiteiras que levantavam a cabeça por cima do tapume que vedava o atalho.

Foram andando, andando até meia encosta, parando á sombra d'uma sébe de giestas, então mansamente agitadas pela viração da tarde. Sentaram-se, e Joanna abriu sobre os joelhos uma brochura de capas azues, que trazia debaixo do braço. Eram os *Annaes da propagação da Fé.*

Começaram de examinar com attenção as gravuras. Aqui é o rosto d'um missionario, grave mas sympathico e dôce, com suas longas barbas; mais adiante alguma paisagem exotica, povoada de miseraveis cabanas, á sombra d'um bosque de palmeiras gigantes; ou então o retrato d'um selvagem em attitude guerreira.

Quando os olhos de João se fartaram de vêr, quando n'aquelle pequenino cerebro já não havia nenhuma observação a fazer, nenhuma explicação a pedir, apontou com o dedo um titulo que lhe pareceu cheio de promessas e disse:

«Olha, Joanna, lê aqui; isto deve ser bonito.»

E era com effeito uma linda historia: na pagina apontada referia-se o martyrio d'um missionario, João ficou immovel, desde as primeiras linhas, n'uma profunda attenção. Seus olhos fitos no chão pareciam contemplar todos os supplicios que a leitura lhe recordava; o drama ia-se passando ante elle com todos os requintes da mais inaudita barbaridade. Ouvia os gritos ferozes dos carrascos, os clamores da multidão infréne, admirava a paciencia heroica do martyr, e via-o murmurar resignado uma derradeira prece.

Correu-lhe pelo corpo um ligeiro estremecimento. Seria medo? Tremeria ante aquella visão pavorosa? Não: sentia-se ao contrario preso de admiração profunda, de sympathia ardente pelo heroe d'aquelle drama de sangue. Era possuido d'um sentimento indefinivel, e, em sua innocencia não curava d'analysal-o. Parecia-lhe ás vezes que a elle se dirigiam os algozes dizendo-lhe:

«Renuncia a teu Deus, ou morres!»

E levantando-se corajoso e arrogante, respondia:

«Sou christão, matem-me já, se querem.»

E o coração pulsava-lhe febricitante; aquella imaginação exaltada deleitava-se n'um sonho terrivel e pavoroso. Já não era o pequenito d'oito annos, sentado alli junto da sébe de giestas: era um missionario da China, ou de qualquer outro paiz selvagem. Acossado como um animal feroz, fugia, no escuro da noite, á matilha dos carrascos que lhe seguiam as pisadas. Eis que de repente cáe sobre elle a mão d'um selvagem:

«Tudo acabado! exclama; estou preso; morrer como um bravo!»

E voltando-se para o lado, ia ainda exclamar:

— Sou chris...

Não concluiu a phrase, porque deu com os olhos de Joanna pregado n'elle; fez-se vermelho como uma cereja, e quedou-se mudo.

— Em que estás a pensar? perguntou Joanna.

— N'este missionario, volveu João, caindo em si d'aquelle sonho terrivel; como elle agora é feliz!

— Sim, replicou Joanna, agora está no céo, com Deus.

— E' maman Claudia (assim chamavam á velha) diz que se é tão feliz em sua companhia!...

— E' verdade; e já lá ouvi dizer, no cathecismo, que a gente no céo é feliz a mais não poder ser.

— Eu queria para lá ir... continuou João.

— Irás mais tarde, não tenhas pressa.

— Mas eu queria ir já...

— Mas para isso tens de morrer primeiro, advertiu Joanna

Morrer, era com effeito a unica difficuldade que embaraçava o innocente; a melhor solução era partir para o paiz dos selvagens; havia de lá encontrar muitos dispostos a mandal-o para o céo.

— Olha, Joanna, e se nós fossemos para os selvagens?...

— De certo nos haviam de matar, volveu a pequena assustada. Não vês como fizeram soffrer este martyr?

— Pois isso mesmo, tornou João, iriamos então para o ceo, e seriamos lá tão contentes, que nem sequer nos lembraria o que houvessemos padecido cá na terra.

— E' verdade, replicou Joanna muito pensativa, seriamos lá bem felizes...

— Como ha de ser lindo o ceo! continuou João.

— Muito lindo, com certeza, porque é lá que mora Deus.

— Ainda é mais bonito que a igreja na noite do natal?

— Oh! quanto mais! disse Joanna a sorrir.

Callaram-se por alguns momentos; só se ouvia então o ciciar da brisa coando-se por entre as giestas do vallado, e o rugir das deusas avelleiras que povoavam a encosta, a que vinha juntar-se a toada monotona dos grillos que entoavam alegres seu hymno de reconhecimento ao creador.

Ante os olhos extasiados d'aquelles innocentes desdobrava o céo todos os esplendôres imaginaveis: era uma claridade incomparavel, irradiações fulgurantes, uma formosura sem par, e, lá mais acima, diante do throno do Eterno, muitos anjos, muitos, muitos, a voejar com suas azas brancas de neve... e canticos como nunca se ouviram cá na terra...

Nada porém os fascinava como o pensamento d'aquelle bem-estar incomparavel que constitue a felicidade eterna, e que se apodéra insensivelmente d'uma alma, arrebatando-a n'um extase perenne por uma eternidade.

Em proporção com a debilidade d'aquelles dois espiritos infantis, era enorme a impressão que lhes causava a imagem do céo, que actuava n'elles como poderoso iman.

— Oh! vamos, vamos já, disse João; tu não queres vir Joanninha, a morrer pelo bom Deus?

— Isso queria eu, mas... desejava abraçar primeiro a maman Claudia.

— Mas ella talvez nos não deixará ir...

— E papá Ricardo, que pensará elle, se nos vamos assim?

— E então, que ha de pensar? Nós vamo-nos por amor do bom Deus, porisso ha de perdoar-mos.

— E' verdade, é por amor de Deus; então partamos já.

N'aquelle anhelar enthusiasta pelo céo, Joanna esquecera até o seu papel de *mãesinha*. Estava já de pé, prestes para a partida, e louca d'um heroismo que a não deixava reflectir sequer no arriscado e difficil da empresa.

— Como havemos de ser felizes! continuava João; lá encontraremos papá e maman.

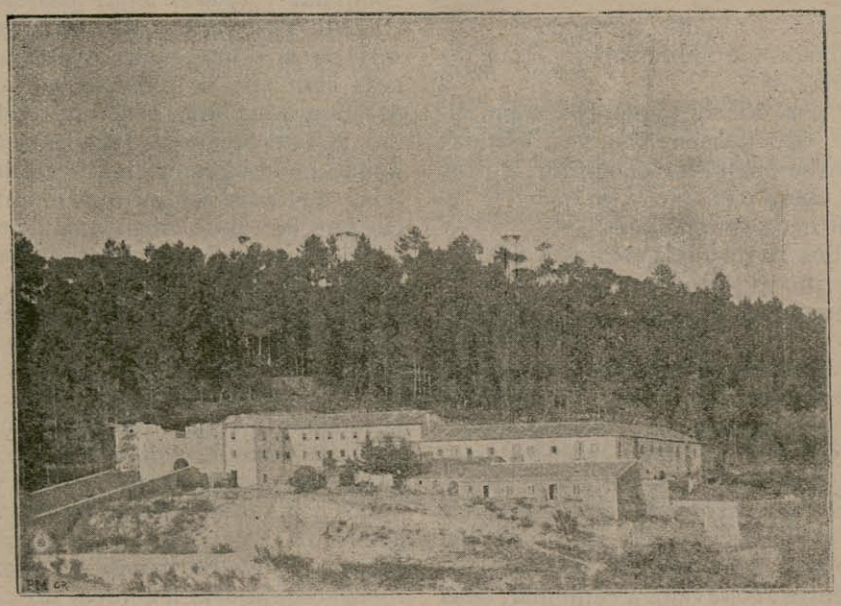
— Ai! quanto isso me tarda, exclamou Joanna abraçando o irmão; mas onde é a terra dos infieis?

— Eu não sei, mas deve ser talvez atraz d'aquella matta, lá muito longe. Desçamos.

— Ainda não, replicou Joanna. Vamos primeiro pedir a Deus que nos proteja.

Os dois pequenos ajoelharam na herva, um em face do outro, e começaram a rezar de mãos postas. Depois abraçaram-se de novo, lançaram um olhar de despedida para a granja cujos telhados vermelhos se avistavam lá ao longe, por entre as nogueiras, enxugaram algumas lagrimas de saudade que se lhes assomaram aos olhos, e tomaram o caminho do valle.

Iam de mãos dadas, firmes em sua resolução heroica, animando-se n'uma sublime ingenuidade,



Vista do Collegio de S. Boaventura, redacção da *Voz de S. Antonio*

e attrahidos sempre da perspectiva do martyrio que ia abrir-lhes as portas do céo. Poucos momentos andados, haviam transposto já os limites de suas excursões ordinarias. Eram veredas desconhecidas que se abriam a seus passos; mas, que lhes importava, se todas levavam ao paiz dos selvagens, e, por conseguinte, ao céo?

Atravessado o valle, foram subindo pela encosta fronteira por entre o arvoredo que a assombra. A' sua passagem as aves levantavam-se aos bandos, fazendo ruido com o roçar das azas nas moitas resequidas, e as hardas fugiam espavoridas a restolhar sobre as folhas com que o outomno começava já a tapetar o chão. Os dois pequenitos apertaram com mais força as mãos, deitaram olhares desconfiados para aquellas brenhas que os rodeavam, e apressaram o passo, mas nunca lhes veio ao pensamento retroceder.

A floresta era sombria, povoada d'uns ruidos vagos, de mil rumores indecisos; o caminho aspero, a subida difficil, mas aquelles dois heroes não se deixavam intimidar facilmente. Guardavam silencio, porque o echo de suas vozes, repercutindo-se na extensão da floresta, punha-lhes arrepios de medo; mas lá subiam sempre, alentados só d'uma energia d'alma, capaz de arrostar o impossivel.

Emfim o ceu começou a reapparecer, em pequenas clareiras, por entre a ramagem do arvoredo; a luz foi-se a pouco e pouco fazendo mais abundante; até á ultima orla do horisonte abria-se um paiz novo para elles: sentaram-se no extremo da floresta para o contemplarem mais á sua vontade. Era uma extensão infinita de terrenos maninhos, de campos estereis, de mattos pouco fechados, tudo socavado de córregos profundos, abertos do enxurro no terreno argiloso.

Que differente do valle pinturesco e ameno que tinham atravessado, era tudo aquillo que viam!

Nada havia alli que embellezasse aquella paisagem agreste; sómente o sol, em seu declinar

para o occaso, transformava o horisonte n'uma fornalha maravilhosa, d'onde se irradiavam, por aquellas charnecas além, uns tenues resplendores; dir-se-ia que queimavam lá um phantastico fogo d'artificio. E as collinas estereis que ondulavam ao longe, deixando apparecer apenas o cume fragoso e calvo, pareciam, aos raios indecisos que até lá enviava o sol, fugir n'um galope vertiginoso para irem contemplar mais de perto aquelle esplendor deslumbrante.

— Certamente, exclamou Joanna, depois de ter admirado por instantes aquella paisagem immensa e descórada, que nem todo aquelle ouro em fusão lá no poente, conseguia animar; certamente, deve ser alli a terra dos selvagens.

— Com certeza, volveu João; que, se o não fosse, devia haver aqui muitas casas, e eu não vejo nenhuma.

— Isto aqui não é tão bonito como em C., continuava Joanna. Quem me dera saber o que faz agora mamã Claudia...

— Agora, ao por do sol, deve ella estar fazendo a ceia. Mas não pensemos n'isso, Joanna; vamos que não tardaremos em encontrar alguns selvagens. Eu não estou cançado, e tu?

— Eu tambem não; caminhemos.

Entraram ambos no agreste planalto, com os olhos sempre fitos no poente, que scintillava, lá muito ao longe, como se fôra alli a porta do empireo.

Mas aquellas côres d'ouro que abrasavam o horisonte, foram-se amortecendo insensivelmente, o escuro cerrava-se lentamente; e á medida que ia desapparecendo o dia, começavam a ouvir-se vozes desconhecidas, que até então foram mudas: os arroios, já quasi seccos, sussurravam com mais força, o vento açoitava as copas do raro arvoredo e o canto das aves tomava um tom mais melancolico.

Os dois innocentes recitavam, a caminhar, suas orações da noite; o cansaço era cada vez mais violento. A noite que se aproximava, enchia-os d'um susto vago e afflictivo. E, sobretudo isto, não appareciam selvagens que os levassem a dormir ao céo n'aquella mesma noite!... De quando em quando, lançavam a vista para a banda da granja, e o coração a custo se continha que não revelasse a anciedade que o dominava...

De improviso ouviram passos n'um atalho que se abria diante d'elles; um fremito de terror lhes correu pelos membros; entreolharam-se como para se dizerem:

« E' chegado o momento; morramos corajosamente por Deus! »

Mas qual não foi seu espanto, quando, em vez de ferozes selvagens que aguardavam, viram diante de si a figura bondosa e sympathica do parocho da freguezia! Não se maravilhou menos o zeloso pastor: deixou em meio um grande signal da cruz que ia a fazer, e o breviario quasi lhe escapou da mão.

Mas quando verdadeiramente se capacitou de que tinha diante de si as duas creanças da granja de C., não pôde deixar de sorrir-se; estendeu para elles os braços, e os dois pequenitos correram a lançar-se n'elles. Feridos d'aquelle contraste entre as caricias do bom do prior e os supplicios que esperavam, seu coração não pôde conformar-se, e prorompêram em soluços. Assim a chorar, contaram sua historia.

Meio a rir e meio a chorar de commovido, o sacerdote tomou a cada um por sua mão e dirigiu-se com elles caminho da granja. Era longe, porque aquelles dois pares de pernitas tinham andado a bom andar. Quando chegaram a C., aquelle santo do prior levava-os ao collo, cada um em seu braço. Os dois innocentes tinham-lhe enlaçado os bracinhos em volta do pescoço, e dormiam a somno solto com as cabeças reclinadas sobre os hombros do padre.

Sem os despertar, deitou-os nos leitos, assim como iam; toda a noite passaram em magnificos sonhos. Parecia-lhes que eram martyrisados pelos selvagens, e que os anjos vinham collar-lhes umas azas com que se remontavam ao céo, e que Deus os abraçava n'uma indescriptivel effusão d'amor.

N'este momento João entreabriu os olhos, julgando contemplar o throno deslumbrante do Eterno, e deu com a figura sorridente de maman Claudia que lhe disse affectuosamente:

— Então, João, queres ir para a terra dos selvagens?

— Sim, maman, mas lá mais tarde, quando eu fôr grande.

.....

Quinze annos são já idos, tia Claudia dorme já de muito tempo debaixo d'uma obscura campa no cemiterio da aldeia; tio Ricardo cegou: móra ainda na granja de C., sempre direito e desempenado como um carvalho secular, firme e robusto como um patriarcha dos tempos biblicos. Apenas aquella figura de camponez grave e serio, aquelle rosto esculptural d'homem do campo sempre contemplativo ante os phenomenos da natureza, se tornou agora mais pensativo e meditabundo. João é sacerdote ha pouco tempo, Joanna professou n'uma communidade de religiosas missionarias.

Estamos n'uma deliciosa manhã de primavera. Na granja de C. tudo é movimento e preparativos de longa viagem. Tio Ricardo sahiu muito cedo e foi sentar-se debaixo d'uma nogueira onde passava d'ordinario as tardes em profunda meditação. Vê-se que algum grave negocio o traz absorto e pensativo. Eis que veem dizer-lhe que o aguardam já promptos o padre João e a irman Joanna.

Tio Ricardo, entra em casa, levado pela mão do velho prior que, quinze annos antes, encontrara os dois pequenitos quando fugiam para a terra dos selvagens. Agora estavam ali, em joelhos, n'um modesto quarto que Joanna, antes de ir para o convento, mobilou de sorte que póde chamar-se o salão grave da granja. O ancião parou junto d'elles, ergueu ao céo aquelles olhos que Deus lhe cerrára para sempre, e disse com voz forte, bem que trémula de commoção:

— Meus queridos filhos, ides abrir uma pro-

funda chaga no meu coração, mas, — bemdito seja Deus! — julgo-me feliz! ide para onde elle vos chama, eu vos abençôo-o.

. . . . . .

E d'esta vez João e Joanninha, obedecendo á vocação de Deus, partiram effectivamente para a terra dos infieis, mas para não mais voltarem.

(Trad. livre do *Pèlerin*).

CULTO DE S. ANTONIO

Uma carta inedita de S. Antonio. — Uma revista hespanhola publica uma carta de S. Antonio, que ha annos foi encontrada inedita na nossa bibliotheca d'Evora pelo sabio historiador franciscano, P. Marcelino de Civezza. Como não temos á mão o original portuguez, servimo-nos da traducção hespanhola.

A carta, diz a citada revista, é dirigida a um tal João de Bulhões, felicitando-o por haver deixado o mundo e entrado na religião.

Eil-a:

Agora acabo d'entender quão differentes dos dos homens são o juizos de Deus. Por causa do largo tempo decorrido desde que nos vimos, julgava eu que já vos terieis esquecido do que combinamos em Talavera; mas vejo ao contrario que vos recordastes mais do que eu pensava, e minha satisfação por vossa fuga do mundo é tão grande, como quizera o fossem os louvores que por isso dou a Deus, de quem confio que, antes de partirmos d'aqui, havemos de poder ver-nos vivos. O que com mais ardor desejo é que não retrocedaes ao caminho do inimigo, que não propõe outra coisa senão fazer-nos abandonar o estandarte de Deus; porém estae seguro, que se pondes n'elle vossa confiança, não em vossa força, senão em seu auxilio, quando estiverdes para dar principio ao combate, antes de começal-o, sentireis como estaes seguro do triumpho, o com um vivo desejo de rechaçar os assaltos. Entretanto Deus vos tenha em sua guarda e vos faça adiantar na virtude.

Fr. Antonio da Cathedral.

Pavia, 2 de março de 1223.

Membros illustres da Pia União. — Aos 23 Cardeaes que já pertenciam á Pia União, devemos ajuntar agora os Em.^{mos} Snrs. Cardeaes Guarini, Arcebispo de Messina, Ferrata, Pro-Nuncio em Paris, e Jacobini, Pro-Nuncio em Lisboa.

* * *

ROMA

Na cidade eterna a obra do *Pão das Pobres* vae tomando extraordinario desenvolvimento. Só no convento de S. Antonio, Centro Geral da Pia União, são mais de dois mil os pobres que recebem cada semana o pão de cada dia. Tem havido offertas de 300 e 500 francos!

Já por vezes temos fallado aqui da tradicional devoção dos romanos para com S. Antonio. Os nossos bondosos leitores desculpar-nos-hão de certo se insistirmos ainda sobre esta materia, transcrevendo as seguintes linhas da *Voix de Sant Antoine:*

As confrarias d'homens, as associações dos *sacconi*, eram, em tempo, das instituições mais florescentes e originaes da Roma pontificia.

Estas confrarias eram em numero superior a *oitenta*. Cada uma tinha sua igreja, fundos e rendas proprias. Os confrades reuniam-se frequentemente para cantar o officio em publico, assistir aos enterros, visitar os sanctuarios e percorrer processionalmente a cidade. Tinham um habito proprio, que vestiam em todas as ceremonias.

E' fóra de duvida que o primeiro fim d'estas congregações leigas era a santificação mutua dos confrades por meio da oração, instrucções religiosas e frequencia dos sacramentos; não obstante, tinham em vista ao mesmo tempo o bem-estar do proximo, o conforto do pobre por meio da esmola, a dotação de donzellas pobres, a educação dos orphãos, a assistencia dos enfermos, em uma palavra, o cuidado de todos os que soffrem no desamparo. Os *sacconi di san Teodoro*, por exemplo, pediam, todas as sextas-feiras, de porta em porta, para bem dos miseraveis; os *irmãos da morte* occupavam-se de sepultar os cadaveres que iam procurar ao campo, nos grandes calores, ou após as inchentes do Tibre; os *irmãos de S. João decapitado* consolavam os criminosos condemnados á pena capital, assistiam-lhes nos derradeiros momentos, enterravam-lhes seus corpos e oravam por suas almas.

Despojadas quasi de todos seus bens, dizimadas e em parte suprimidas, as confrarias romanas, de presente, não são mais do que a sombra do que foram no passado.

Uma das mais illustres, e, ainda hoje, das mais prosperas, é a *Archiconfraria das Chagas de S. Francisco*, fundada em 1594. Sua egreja está situada na *via dei Cestari*, junto do *Corso Vittorio Emmanuele*. O sanctuario actual, que se remonta aos ultimos annos do seculo XVI, veio substituir uma capella dedicada aos *Quarenta Martyres*. E' vasto, resplandecente de marmores e dourados, e adornado, em particular, de notaveis quadros. O *S. Francisco chagado* do altar mór é um primor de Trévisani.

A terceira capella, do lado esquerdo, é consagrada ao Thaumaturgo franciscano. O altar é encimado d'uma magnifica pintura, devida tambem ao pincel de Trévisani, representando o sancto em attitude de adorar o Menino Jesus, que lhe apparece assentado n'uma nuvem. As paredes da capella são cobertas de numerosos *ex-voto*.

Este sanctuario, tão predilecto dos fieis, é tambem particularmente amado de S. S. Leão XIII, que se declarou seu Protector, e o enriqueceu de numerosos favores; n'elle repousam os restos mortaes da piedosa mãe do grande Pontifice, a condessa Anna Prosperi Pecci.

. . . . . .

* * *

Um religioso franciscano diz de Sento (Corsega):

... Raras são as pessoas que, ou por graças recebidas, ou por outros motivos, não tenham feito voto, ou ao menos promessa de *guardar abstinencia* todas as terças-feiras, em honra de S. Antonio. E' uma pratica de devoção recebida já de remotos antepassadas, que S. Antonio recompensa frequentemente com favores particulares, e que os bons camponezes de Sento vão transmittindo fiel e piedosamente a seus filhos.

* * *

FRANÇA

Soccorro mysterioso. — Refere uma revista que a 17 de junho ultimo uma senhora de Paris dirigiu á *l'Arrière Boutique* (em *Tolon*) uma supplica a S. Antonio, mas, — note-se, — nem indicava seu nome, nem morada, nem signal algum por onde podésse ser conhecida.

Sete dias depois, escrevia a mesma senhora participando commovida que na vespera tinha recebido pelo correio tres notas de banco do valor de cem francos cada uma, envoltas em duas folhas de papel branco, com um cartão onde se liam sómente estas palavras: *Santo Antonio.*

Nunca se soube do mysterioso bemfeitor.

— Outra revista traz a seguinte supplica a S. Antonio:

" Grande S. Antonio, é um homem que não crê o que vem pedir-vos estas duas coisas: a fé em Deus, e a graça de me sahir bem n'alguns negocios a fim de poder pagar as minhas dividas. Prometto-vos a somma de 20 francos (cerca de 4$000 reis) para os vossos pobres. „

— A's grutas de S. Antonio em *Brive* continuam affluindo todos os dias as peregrinações. A 15 de julho chegou alli o P. Director do Collegio seraphico de Bordeus, acompanhando os seus discipulos que iam começar o Noviciado, mas que primeiro vinham a pôr-se debaixo da protecção do glorioso Santo.

— A 15 d'agosto inaugurou-se no convento de S. Antonio em Paris uma imagem do Santo, de 3 metros d'altura, feita de marmore e d'um collossal tronco de nogueira que foi cortado em 1795, anno em que se celebrou o 6.º centenario do illustre Santo.

*

Santo Antonio no Congresso de Reims. — N'este illustre congresso, de que os nossos leitores já teem noticia, fallaram sobre a *obra de S. Antonio* o R. P. João de Chambéry e o R. P. Eduardo, dos Padres Recollectos de Paris. Este ultimo fallou sobre o extraordinario desenvolvimento que a obra tem tido n'aquella cidade. Eis um extracto do que lá disse o illustre franciscano.

S. Francisco, ao visitar um dia um dos seus conventos, foi acolhido por um guardião que, muito commovido, lhe contou como, poucos momentos antes, despedira com indignação uns ladrões que tiveram a audacia de ir pedir esmola ao seu convento.

— Não fiz bem, Santo Padre? perguntou a S. Francisco.

— Meu filho, respondeu este, fizeste mal, e, para reparar tua falta, vae á cosinha, toma o que encontrares melhor, vae procurar aquelles ladrões, ajoelha-te deante d'elles, e roga-lhes que acceitem a tua offerta. Fel-o assim o guardião. Os facinoras converteram-se, entraram na ordem e foram religiosos exemplares.

Os ladrões, os mendigos que S. Francisco não queria se despresassem existiram sempre e por toda a parte: são um verdadeiro exercito. E' assim que em Paris, na crypta da rua Puteaux, recebemos, em tres reuniões, tres mil pobres cada semana.

Ha entre elles assassinos, ladrões, homens condemnados pela justiça; e, por maiores que sejam seus crimes, sempre os amamos e queremos-lhe bem.

Outr'ora eramos forçados a despedir estes pobres sem nada lhes podermos dar; mas S. Antonio baixou do céo com as mãos cheias de riqueza... e nós podemos alliviar aquellas miserias.»

Continua ainda o zeloso franciscano, dizendo que, a par do alimento material, lhes ministram egualmente o pão do espirito, ensinando o catecismo áquelles desherdados da fortuna.

Conta que, no anno passado, prégou em Montematre a tres mil d'aquelles infelizes, na presença de s. em.ª o snr. Cardeal Richard commovido até as lagrimas.

Conclúe appellando para a boa vontade dos terceiros e exhortando-os á união na pratica do bem.

* * *

HESPANHA

N'esta nação, talvez como em nenhuma outra, faz rapidos progressos a Pia União e o Pão dos Pobres. As muitas revistas consagradas a S. Antonio, dão conta do resultado surprehendente que vae produzindo por toda a parte esta obra providencial.

Em Murcia é o Prelado diocesano presidente honorario da Junta do Pão dos Pobres. Por toda a parte é geralmente o clero que marcha á frente do movimento.

— No Centro Nacional da Pia União, no Collegio dos Padres franciscanos em S. Thiago inscreveram-se n'aquella santa Liga 176:082 pessoas até 25 d'agosto passado.

São muito curiosas algumas graças que referem as revistos antonianas d'esta nação. Apontaremos apenas algumas:

Diz *El Pan de los Pobres:*

Uma donzella estava admittida n'uma communidade religiosa, mas não entrava por não lhe ser possivel arranjar dote, pois que era sustentada gratuitamente por umas senhoras. Recorreu a S. Antonio, offerecendo algumas obras espirituaes, já que não podia offerecer dinheiro.

Para provar sua fé, permittiu o Senhor que se apresentasse então ás religiosas uma outra postulante que podia ser admittida logo, e que tirou assim o logar á primeira. Ao saber isto, recorreu de novo ao santo, e no mesmo dia, sem que se pensasse em tal, recebeu a senhora que a agasalhava uma carta d'um convento de religiosas que não conhecia, perguntando-lhe se sabia d'alguma joven que quizesse ser religiosa e que não tivesse dote.

Aproveitou-se logo a occasião, e hoje acha-se já no convento.

— Um devoto de S. Antonio, ao chegar a uma cidade, soube casualmente que se achava alli uma pessoa de familia a quem desejava fallar. Mas nem sabia a morada nem rua onde habitava, nem sequer conhecia a cidade. Recorreu a S. Antonio, e concluida sua oração, viu que a mesma pessoa que procurava vinha ter com elle por uma rua que deitava para o logar onde se achava.

— Uma senhora foi encerrada n'um hospital de doidos sem o estar, e no ponto de invocar S. Antonio, (dez horas da noite) se recebeu um officio do governador para que fosse posta em liberdade.

Refere *La Voz de S. Antonio:*

Uma senhora fez semear *geira e meia d'alhos* (!) que se criaram tão abundantes e formosos, que haveria alhos para meia Hespanha.

Chegado o tempo da colheita, toda a preoccupação da senhora era de como chegaria a vender tantos alhos.

Como era mui devota de S. Antonio, de quem já n'outras occasiões havia recebido grandes beneficios, prometteu seis fogaças de pão para os pobres se chegasse a vender aquella abundante colheita. No dia seguinte apresentou-se uma pessoa disposta a comprar os alhos, mas não foi possivel convir no preço. Nem por isso desfalleceu a fé da piedosa senhora: continuou importunando ao santo, até que, d'ahi a poucos dias, conseguiu vender os taes alhos pelo preço que desejava.

* * *

AMERICA

Mexico. — Diz uma correspondencia para *El Eco Franciscano* que na cidade de Villanueva tem feito grandes progressos a Pia União e o Pão dos Pobres, que é uma verdadeira providencia para os necessitados.

Chile. — N'esta republica progride sensivelmente o culto do nosso Thaumaturgo. *La Voz de S. Antonio* que ali se publica, dá noticia d'uma festa solemnissima celebrada em honra do Santo; attrahiu-nos a attenção o modo como terminou a festa: «Concluida a missa, diz a citada revista, algumas senhoras distinctas estavam á porta da igreja repartindo pelos fieis mais de mil e oito centos folhetos commemorativos da festa, com a imagem do Santo, e algumas orações em sua honra, ás quaes o Prelado diocesano havia concedido 80 dias d'indulgencia.„

A mesma revista conta alguns favores singulares do illustre Thaumaturgo portuguez, entre os quaes a cura quasi repentina, d'uma ferida que os medicos julgavam mortal.

* * *

CHINA

Escreve o P. Affonso Bermyn, missionario n'aquelle paiz:

Viajava eu, ha pouco, em companhia d'outros missionarios de San-tao-ho para Olaôn-Beurok. A' tarde, já bastante escuro, chegamos a Wou-la-lso-tze, onde nos detivemos para atravessar o rio. Não era coisa facil; tinhamos comnosco algumas bestas de carga e o barco não era bastante solido para transportal-as. Que fazer? O unico expediente era prender solidamente os animaes uns aos outros, e fazel-os atravessar a corrente a nado. Decidimo-nos a fazel-o assim, e até já estavamos na agua. Mas, por desgraça nossa, um cavallo e uma mula tomaram o freio nos dentes e fugiram com tal velocidade, que foi impossivel apanhal-os n'aquella carreira vertiginosa. Fomos procural-os, mas... trabalho inutil! No dia seguinte, muito de manhã, mandamos de novo alguns criados na pista dos fugitivos, mas tudo foi em vão.

Foi só então que me veio o pensamento de recorrer a S. Antonio; offereci-lhe, para os seus pobres, dous alqueires de milho caso as bestas fossem logo encontradas, de modo que no dia seguinte, domingo, podessemos ir offerecer o santo sacrificio a Olaon-Beurok. O santo acceitou minha offerta: quando eu acabava de fazer a promessa, vimos vir do outro lado do rio um *lama* com o cavallo e a mula pelas redeas. Ficamos admirados da diligencia que S. Antonio fez para nos conceder o que lhe pediamos.

Um mez depois voltava eu de Koui-houa, e tinha ainda um longo caminho a percorrer, quando notei, com grande sentimento, que o meu corcel já não podia mais; puz-me a pé e com um trabalho incrivel fui puchando pelas redeas da cavalgadura que já não queria andar, e que eu receava me cahisse por terra desfallecida. De feito, o animal cahiu logo arquejante, com os olhos quasi a apagarem-se, e deixando apenas escapar do peito uns roncos surdos.

«Mandei chamar um veterinario; segundo elle era preciso sangrar o cavallo, mas para isso devia esperar até ao dia seguinte. Não havia remedio, senão recorrer a S. Antonio. Fiz outra vez a promessa dos dois alqueires de milho se podessemos, antes da noite, chegar ao nosso destino, acompanhando-nos a cavalgadura. Começamos a friccional-o, a tocal-o com muito geito, a puchar por elle, e, ou bem ou mal, conseguimos se puzesse em pé. Este primeiro successo animou-nos; fomos fazendo andar o cavallo com muito cuidado; com grande admiração nossa, vimos que o passo era de cada vez mais facil, e logo se tornou desembaraçado, de modo que pudemos, sem outro contratempo, chegar á nossa residencia. Dois dias depois o meu cavallo saltava e pinchava, alegre e satisteito, nos campos de Palagai.»

* * *

JERUSALEM

Escrevem do convento de S. Salvador n'aquella cidade, centro da Pia União na Palestina, que o numero d'associados ascendia já a 1:110, a 13 de junho ultimo.

Entre os turcos mesmo, não é raro encontrar ardentes devotos do grande Thaumaturgo, e, como já conhecem os leitores da *Voz*, o nosso sancto recompensa tambem a fé d'aquelles barbaros.

CHRONICA DA PIA-UNIÃO E PÃO DOS POBRES

Como sempre Santo Antonio continua a ser o protector dos desgraçados.

Não ha necessidade que este Santo tão benigno não remedeie.

Se algumas vezes parece não despachar logo os pedidos que lhe fazem, é porque assim é conveniente que seja.

Quem nos diz que com esta demora Santo Antonio não tem por fim apurar pela paciencia a virtude d'aquelles que lhe imploram o allivio?

—Ultimamente foram encontradas na caixa de Santo Antonio 286 cartas sendo 261 a pedir graças e 25 a agradecer.

D'umas e d'outras transcrevemos as seguintes:

I

Petições e promessas

A pedir saude. — Meu milagroso Santo Antonio.

Nós vos pedimos com todo o fervor e fé, que deis saude a nosso bom pae. E' milagre o que vos pedimos; mas que fazeis vós senão milagres?

Se nos attenderdes, dar-vos-hemos uma esmola avultada para o pão dos vossos pobres.

— Milagroso Santo Antonio.

Peço-vos do intimo do coração, que por intermedio da Virgem SS.ma, alcanceis de Deus a saude para minha esposa.

Espero obter o despacho d'esta petição.

Se a obtiver, dar-vos hei para o pão dos vossos pobres o que minha piedade me inspirar.

— Meu querido Santo Antonio.

Peço-vos encarecidamente que impetreis de Deus a saude para meu irmãosinho, senão fôr contraria á sua salvação.

Offereço-vos uma libra para o pão dos vossos pobresinhos.

— O' meu milagroso Santo Antonio peço vos, que sa-

reis meu menino até ao Natal. Dar-vos-hei uma libra para o pão dos pobresinhos, se me impetrardes de Deus esta graça.

Exames. — Meu bom Santo Antonio, se me fizerdes ficar bem no meu exame de instrucção primaria, dar-vos-hei uma vella de 40 reis, e tambem receberei n'esse dia a sagrada communhão.

— Meu Santo protector.

Bem sabeis que tenho de fazer um exame bastante difficil. Permitti meu milagroso Santo, que fique bem e que me sáia um ponto facil, que eu vos darei alguma coisa para vossos pobresinhos.

Varias Petições. — Glorioso Santo Antonio. Se permittirdes que minha cautella seja premiada, como eu desejo, prometto dar-vos 50$000 reis para o pão de vossos pobres; cumprir mui exactamente os deveres do meu estado e mais 400$000 reis para a edificação d'um templo projectado.

— Meu Santo Antonio.

Se permittirdes que d'hoje a 6 mezes eu saiba perfeitamente ler e escrever uma carta, prometto-vos 500 reis para o pão dos vossos pobresinhos e andar uma vez de joelhos em derredor de vossa igreja.

— O' meu Santo protector, só vos peço, que me inspireis o que devo seguir para bem de minha salvação.

Para este fim prometto uma esmola para o pão dos pobres.

Confiado espero em vós.

— Glorioso Santo Antonio.

Estou constituido em grande afflicção. Se me arranjardes 3 contos de reis até ao dia 9 d'agosto, prometto-vos 5$000 reis para o pão dos vossos pobresinhos.

— Meu Santo Antonio.

Se me concederdes que dentro do prazo d'um mez receba um importe d'uma letra que me devem ha 8 a 9 annos; prometto dar vos 100$000 reis para o pão dos vossos pobresinhos, e mandar dizer uma missa no vosso altar com 24 vellas accesas.

II

Graças e favores obtidos

Saude recuperada! — Certa donzella, desfavorecida da fortuna, padecia, havia 7 mezes, um grave incommodo n'uma perna. Recorreu a Santo Antonio, promettendo-lhe cumprir a devoção das 13 terças-feiras, dando ao mesmo tempo, para o pão dos pobres uma esmola segundo suas posses.

Hoje já agradeceu a seu protector a graça de sua cura.

— Agradeço-vos glorioso Santo, as melhoras de minha irmã. Continuae a pedir a N. Senhor por ella, que ainda é muito debil seu estado, apezar do favor que já lhe dispensastes.

Recebei 240 reis para vossos pobres em prova de meu reconhecimento e mais 40 reis pela cura d'uma mãe de familia, que em razão d'uma grave doença esteve em perigo de vida.

— Milagroso Santo Antonio, agradeço-vos e a Maria Santissima as melhoras de meu filho Jorge. Peço-vos vossa valiosa protecção para todos nós, e vos prometto 100 reis para o pão dos vossos pobresinhos.

— Milagroso Santo Antonio.

Sabeis que aquella menina, que ha um anno vos prometteu 500 reis, se a livrasseis das dores, que tanto a atormentavam, hoje se acha completamente sã. Agradecida envia a dita quantia para o pão dos pobresinhos.

Exames. — Grato aos vossos favores, venho hoje agradecer-vos os beneficios, que me dispensaste, durante o anno lectivo e principalmente no meu exame.

Declaro que não é esta a primeira graça que de vós tenho recebido; mas, porque as não tenho agradecido por escripto, cumpre me fazel o hoje para consolação de vossos devotos.

Para cumprimento de minha promessa, offereço-vos para vossos pobresinhos 1$000 reis.

— Glorioso Santo Antonio.

Agradeço-vos o favor que de Deus alcançastes, para que a menina F., ficasse bem no seu exame.

Ahi tendes em recompensa para vossos pobres 500 reis.

Diversas graças — Meu Santo Antonio.

Venho cumprir a promessa que fiz de vos dar annualmente 1$500 reis para o pão dos pobres, em agradecimento do favor que me fizestes de sarar meu filho d'uma grave doença.

— Um negociante por ter vendido uma certa quantidade de fazenda, offerece a Santo Antonio 500 reis.

— Meu santo protector.

Cheios de alegria venho agradecer-vos o terdes attendido á minha petição.

Tudo me correu bem relativamente ao que vos pedi.

Falta-me cumprir o que vos prometti.

Fal-o-hei o mais depressa possivel.

— Meu bom Santo. Dou vos 1$500 reis em cumprimento de meu voto.

Pelo vosso poder sêde comigo em todas as minhas necessidades.

— Glorioso Santo Antonio.

Aqui vos deixo 1$100 reis para o pão dos vossos pobres; porque desejando concluir um contracto, que não acabava de ser concluido recorri a vós, e foi despachada a minha supplica.

Agradeço vos muito, muito.

— Meu protector Santo Antonio.

Já que vós alcançastes do Menino Jesus, que meu irmão me mandasse do Rio de Janeiro uma esmola, ahi tendes, em signal de meu reconhecimento 1$000 reis, para o pão dos vossos pobresinhos.

— Meu querido Santo Antonio.

Agradeço vos a graça que me fizestes. Já depuz no vosso altar 200 reis para os vossos pobresinhos.

Nunca vos esqueçais de mim.

— O' meu Padre Santo Antonio, agradeço-vos muito o milage que me fizestes. Ahi vos envio 300 reis, e continuarei a mandar alguma coisa como vos prometti.

— Meu bom Santo Antonio.

Muito reconhecido pela graça que me fizestes de se me deparar o que havia perdido, vos remetto 1$800 reis para o pão dos vossos pobresinhos.

— Glorioso Santo Antonio.

Offereço-vos 1$000 reis pelo beneficio que me fizestes de receber aquella quantia.

Agradeço-vos muito meu Santo Antonio.

— Glorioso Santo Antonio.

Reconhecidos agradecemos a valiosa protecção que nos prodigalisastes.

Recorremos a vós com muito fervor e nossa esperança não ficou baldada.

Acabai, amavel Santo, a obra que principiastes para maior gloria de Deus e bem das almas.

— Santo Antonio.

Recebei 500 reis para vossos pobres porque tendo recorrido a vós n'uma grande afflição vós me valestes.

Agradecei a Jesus, Maria e José.

— Uma devota de Santo Antonio remette 720 reis para o pão dos pobres por tres graças obtidas de Deus por sua intercessão.

Continuae a proteger-me e lá vos irão mais algumas esmolas.

— Santo Antonio.

Uma devota vossa agradece-vos uma graça que lhe alcançastes de Maria.

Remetto-vos 240 reis para o pão dos pobres.

Com muito gosto transcrevemos o seguinte caso referido a S. Em.ª o Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa pelo signatario:

— No hotel Rosal um dos hospedes, portuguez, e com loja de encadernador na rua da Trindade, perdeu de manhã uma luneta com arcos de ouro, que elle muito estimava e que grande falta lhe fazia. Percorreu tudo em procura da luneta, solicitou e finalmente empregou todos os meios possiveis de a obter e nada conseguiu. No mesmo hotel acha-se hospedado um Rev.do Padre da Ordem de S.

Francisco, rapaz de grande illustração e muitas virtudes, é hespanhol e vae em breve partir para o Oriente. Ao jantar reunidos todos os hospedes, que são muitos, o que havia perdido a luneta mais se lastimava que comia; no fim do jantar o Frade disse-lhe: «Com que então o snr. já empregou os meios que lhe pareceram necessarios para achar a sua luneta, que lhe faz grande falta e está completamente desanimado; pois não desanime que a recebe», e levantou-se da mesa dirigindo-se para o quarto. Minutos depois voltou o Frade e estando ainda todos os hospedes á meza, diz ao encadernador: «O snr. ainda hoje recebe a sua luneta e serei eu que lh'a entrego; tem porém de offerecer uma peseta que comprará de pão e dará aos pobres, como pão de Santo Antonio». A promessa ficou logo feita. Pelas 6 horas da tarde reunidas mais de 500 a 600 pessoas para tomarem a agua, hespanhoes e portuguezes, e estando o Frade quasi no meio d'esta gente e junto de mim, apparece um desconhecido, que não quiz dar o nome e entrega a luneta ao Frade, que a não tinha sollicitado de ninguem emquanto que o dono a tinha procurado todo o dia.

Isto causou alegria para uns, embaraço para outros, e pasmo para todos.

Hoje de manhã quem passava para a agua, via a esposa do encadernador distribuir quartos de pão pelos pobres com grande jubilo.

O cr.º humilde e certo de V. Em.ª,

José Joaquim da Luz Rumina.

III

Rendimento do Pão dos Pobres

Durante a primeira quinzena do mez d'agosto a caixa do Pão dos Pobres nos Terceiros em Braga, rendeu a quantia de 159$575 reis e um fio de contas d'ouro.

Durante a segunda, a quantia de 118$400 reis: sendo 116$800 reis em papel e cobre e o restante 1$600 reis, importancia de cinco moeda antigas de prata de 480 reis cada uma que fôram vendidas todas por esta quantia.

Vem a ser a somma total de 277$975 reis.

Tambem foram encontrados na mesma caixa, dois botões d'ouro com perolas, para orelhas, dois ditos lisos do mesmo metal e um annel egualmente d'ouro.

Associados da Pia-União

No penultimo numero eram já	71:970
Hoje ha mais os seguintes:	
Archidiocese de Braga	405
Braga	11
Barbudo	159
Villa-Real	1
Chaves	20
Povoa do Varzim	26
Navaes	22
Fafe	166
Diocese de Coimbra	33
Aveiro	2
Agueda	20
Recardães	8
Macinhatão	3
Diocese do Porto	163
Cocujães	10
Salreu	34
Pardilhó	1
Canellas	17
Mortosa	11
Santo Thyrso	52
Covellas	38
varias partes	846
Total dos associados . . .	73:417

Recommendamos á piedade de nossos bondosos assignantes a conversão de 2 associados da *Pia-União*.

Pão dos Pobres no Santuario de N. Senhora do Porto d'Ave

Como noticiamos no numero passado, foi instituido o *Pão dos Pobres no Santuario de N. Senhora do Porto d'Ave*, e com bastante satisfação soubemos do Rev.º e zeloso Padre Capellão, que o rendimento da caixa foi de 13$000 reis, resultado bastante lisongeiro, se attendermos a que não é na cidade de Braga; no proximo numero seremos mais extensos a tal respeito.

No dia 13 do corrente n'uma localidade chamada Fernandinho perto do Turcifal, exhortando o Rev.º Padre Fr. Agostinho do Coração de Maria os fieis á devoção de Santo Antonio viu coroados os seus esforços, alistando grande numero de pessoas na *Pia Untão*; Santo Antonio lhe recompense o trabalho. Os novos membros entrarão na lista do proximo numero.

ECHO DAS MISSÕES

Europa. — Igreja nova. — *America.* — Na republica argentina. — *Asia.* — Martyres. — Extraordinario movimento para o catholicismo. — Franciscanos premiados. — Terra Santa. — *Africa.* — Mons. Bonfigli. — Padroeiro das missões. — Tanger. — Fernando Pó. — Missionarios do Espirito Santo. — Homenagem aos missionarios. — Missionario condecorado. — Madagascar.

EUROPA

Igreja nova. — Em julho passado foi consagrada pelo cardeal Waughan, arcebispo de Westminster a igreja do novo convento franciscano de Woodford Green, perto de Londres. Assistiram á cerimonia muitos representantes do clero, tanto regular como secular, de Londres; era grande a concorrencia de fieis e tambem de protestantes

A fabrica do novo convento é devida á generosidade da viuva duqueza de Newcastle, terceira de S. Francisco.

AMERICA

Na republica Argentina. — Os franciscanos occupados na missão de *Salta*, baptisaram n'um anno 1250 pessoas, administraram a confissão a 1598 e a communhão a 1094 e realisaram 143 casamentos. Devido além d'isso a seus esforços estão-se fabricando duas capellinhas e foram abertos 4 cemiterios. Os povos vão-se moralisando e entrando no caminho do progresso e civilisação. Os pobres religiosos tem muito trabalho por arrancar estes povos aos seus vicios porque são muito dados aos vicios da carne, mas a divina graça, vae ajudando-os sempre e muitas conversões já se hão operado.

ASIA

Martyres. — No Kurdistan varios kurdos mahometanos apoderaram-se de tres mulheres catholicas e se esforçaram em que ellas renegassem nossa santa fé; como ellas recusassem valorosamente, deram-lhe a corôa do martyrio.

Extraordinario movimento para o catholicismo. — Um grande e maravilhoso surgir dos povos para o catholicismo se está notando no imperio chinez. De repente e sem uma causa que possa naturalmente explicar o facto se observa um movimento estranho e maravilhoso dos infieis da provincia de Fo-gan para a verdadeira Igreja. — «A 40:000, nada menos, diz o *Correo Español*, ascende o numero dos filhos do celeste imperio pertencentes a todas as classes e condições, sem excluir os mesmos mandarins, e os mais sabios lettrados, que, renunciando aos erros da gentilidade e abandonando as practicas do seu culto supersticioso, se teem apresentado, ao mesmo tempo, de maneira espontanea e inesperada, aos missionarios catholicos, pedindo com humildade ser instruidos nos mysterios de nossa santa Fé e regenerados nas saudaveis aguas do baptismo.

«Assim o attestam os missionarios dominicos hespanhoes, evangelisadores d'aquellas apartadas regiões, em varias cartas aos seus confrades de habito, residentes na Hespanha e nas Philippinas.»

Desde 1631 que os dominicanos espanhoes trabalham n'esta provincia sem que as suas muitas fadigas nunca lhes houvessem grangeado grande numero de conversões. Hoje porém, graças á influencia da divina graça, são poucos todos os missionarios e catechistas e o superior da missão pede grande reforço da Hespanha para recolherem os opimos fructos de tão abundante messe.

Esta missão já tem dado martyres á religião e santos ao ceu. Ha tres annos elevou Leão XIII ás honras dos altares cinco santos hespanhoes, martyres n'esta região.— «O sangue dos martyres é semente de christãos.»

Franciscanos premiados. — O sultão enviou á missão que os Capuchinhos franciscanos teem na Armenia 3:000 piastras em reconhecimento da dedicação e abnegação que os pobres religiosos mostraram principalmente durante as perturbações que tem padecido a triste Armenia. O governo francez enviou tambem aos mesmos missionarios uma medalha de prata que tem escripto n'uma de suas faces: *Republica franceza*, e na outra: *Missão dos Capuchinhos, caridade e dedicação, 1895*.

Terra Santa. — A festa de S. João Baptista foi celebrada com grande pompa pelos franciscanos em Ain-Karem, logar do nascimento do santo e que dista de Jerusalem uma hora de caminho. Assistiu o consul geral de França e o pessoal do consulado.

Tem sido feitos grandes reparos e augmentos na igreja que o Santo Percursor aqui tem, devido tudo ao zelo dos padres franciscanos da Terra Santa.

AFRICA

Mons. Bonfigli. — Havendo o arcebispo titular de Pelusio Fr. Guido Corbelli sido nomeado bispo de Cortona, teve de deixar o cargo de Delegado e Vigario apostolico, que tão honrosamente desempenhou no espaço de oito annos ao P. Fr Gaudencio Bonfigli, filho da familia franciscana, como tambem o era seu antecessor. Havia este religioso já sido nomeado bispo titular de Casio em 1881; nove annos depois promovido á sé arcebispal titular de Cabasa e ao mesmo tempo nomeado Delegado apostolico da Syria para os orientaes e Vigario Apostolico de Alepes para os latinos.

Padroeira das missões. — O S. Padre Leão XIII por decreto de 7 de julho do corrente anno declarou Padroeira das missões a favor dos negros, S. Pedro Claver, S. J., que em 46 annos de sua vida e ainda depois da sua morte em muitos milagres se mostrou amigo e protector dos pobres negros.

Tanger. — Os religiosos franciscanos e os Irmãos Terceiros franciscanos estão educando e ensinando com grande applauso e contentamento de todos aos meninos e meninas de Tanger diversos ramos do saber humano. O *Eco Mauritano* louva muito o zelo dos religiosos e religiosas em promover a instrucção e a civilisação entre a gente da mourama e felicita os mesmos pelos bellos resultados obtidos nos exames do presente anno.

Fernando Pó. — A missão d'esta pequena e mortifera ilha, diz o *Mensageiro do Coração de Jesus*, tem sido mais que dizimada pelas febres. O pessoal renova-se quasi totalmente de tres em tres annos; e já alli tem fallecido em onze annos 21 sacerdotes, 8 coadjutores e 3 Irmãs. Os catholicos indigenas são 5:832.

Missionarios do Espirito Santo. — Ninguem desconhece o bem immenso que estes benemeritos religiosos estão fazendo a Portugrl nas nossas possessões africanas. E' devido ao seu incansavel trabalho e actividade que já hoje em Africa temos um par de missões florescentes que são outros tantos canaes de riqueza para o paiz.

— No intuito de reforçar uma d'essas missões, a de Cabinda, para lá partiram já a 6 de setembro, dois missionarios da mesma congregação, o Padre André Espinasse e o Padre Ernesto Bossus. Devem tambem já ter partido para Huilla mais dez padres e irmãos, ficando depois esta missão com onze irmãos da missão, vinte e um padres, e vinte e quatro irmãos; sendo parte d'este pessoal quem dirige e serve o seminario indigena da diocese que tem oitenta e tres alumnos.

Cumpre a todos os portuguezes coadjuvar as missões catholicas para conservarmos os retalhos que nos restam ainda do vastissimo imperio d'outr'ora. A Inglaterra para lá envia os seus missionarios que de continuo machinam contra a nossa soberania, e para combater sua acção, são necessarias missões. «Missionarios, sim missionarios, eis a maior necessidade da hora presente», escreve o Padre Director do seminario apostolico do Espirito Santo, onde se educam futuros missionarios para a nossa Africa. «Pedem-se missionarios, diz o mesmo padre, de todos os lados com a maior insistencia». Faz pois uma acção muito christã e patriotica aquelle que ou com suas orações, ou com seu obulo ou por outro meio procura ajudar os bons dos missionarios.

— **Homenagem aos missionarios.** — Lemos nos *Annaes da Propaganda da Fé*, que a Academia das Sciencias Moraes e Politicas de Paris, acaba, na distribuição de premios que tem a conceder, de dividir os 3:000$000 de reis do premio Audiffret entre os padres do Espirito Santo e os padres Brancos. — A academia quer prestar homenagem aos generosos esforços realisados aos grandes resultados obtidos, no centro africano, pelos nossos missionarios.

Missionario condecorado. — O governador de Madagascar pediu ao governo francez a cruz da Legião de honra para o Padre Roblet, jesuita, que vive ha muito tempo na ilha africana e que muito valeu pelos seus trabalhos ao corpo expedicionario por occasião da guerra franco-malgache.

Este mesmo Padre havia já recebido as palmas academicas.

— A dedicação e sciencia dos religiosos muitas vezes se impõem á admiração de seus proprios inimigos!

Madagascar. — Os protestantes empregam todos os esforços em levantar obstaculos e barreiras aos missionarios catholicos da ilha.

Todos os dias novas difficuldades e novos embaraços surgem por parte dos protestantes contra os catholicos. Tem chegado sua audacia a penetrar nas escolas catholicas e arrebatar os estudantes que lá tinham entrado livremente, depois de terem forçado a porta e quebrado a cabeça ao proprio professor. E estes e muitos outros attentados teem ficado impunes por connivencia das auctoridades.

— N'uma aldeia da ilha o professor catholico ensinava seus discipulos na capella catholica. Uma multidão de lutheranos invadiu um dia a capella e lançaram-se sobre dois discipulos que lhes haviam fugido para o catholicismo, espancando-os brutalmente.

— N'outra occasião um pae levava seu filho de 10 a 11 annos á escola catholica. No caminho encontrou um pastor protestante que lhe perguntou:

Porque não estuda teu filho na nossa escola?

— Meu filho é discipulo dos catholicos.

— Mas eu quero que estude comnosco.

— Já te disse que meu filho é alumno nas escolas catholicas, e continuará a sel-o. Antes de virmos para esta terra já nos reuniamos em casa dos catholicos. Desde que aqui estamos, já vai em muitos annos, temos estado sempre com os Padres, nem nunca entramos, uma vez qne fosse, em teu templo, e meu filho nunca poz os pés em tua escola: nós não queremos mudar.

Então furioso o pastor protestante, se lançou sobre o triste pae e lhe moeu o corpo ás punhadas. E por fim tomou um bastão e com elle lhe fez uma ferida sobre um dos olhos. Em seguida tomou-lhe seu filho e á força lh'o arrebatou.

E emquanto os catholicos assim são perseguidos pelos protestantes, estes são accumulados de honras. Muitas vezes teem sido recebidos pela rainha e a *Gazeta Official* não deixa escapar estas occasiões para mostrar a seus leitores a consideração em que são tidos.

Secção Scientifico-litteraria

A POLITICA DEBAIXO DO PONTO DE VISTA SOCIAL

(*Continuação*)

III

A Democracia e a Philosophia

Ao regimen monarchico oppõe-se o regimen democratico.

A palavra democracia, no sentido etymologico, significa: governo da sociedade pelo povo, governo do povo por si mesmo.

N'este regimen é a collectividade que exerce a soberania, ou pelo menos, que a delega a pes-

soas da sua escolha. O que a caracterisa é substituição do principio hereditario pelo principio electivo, na designação do poder supremo e das funcções publicas.

Todavia, a palavra Democracia, não foi sempre tomada em sentido hortodoxo, segundo o qual a explicaram os doutores catholicos e em particular S. Thomaz. Ha mais d'um seculo que ella serve de *reclame* ás mais falsas e perigosas theorias sociaes e politicas.

Soberania do povo, contracto social, egualitarismo, individualismo, taes são os erros a que tem aberto a porta a ideia democrata, desviada do seu sentido original pelos sectarios interessados em atiçar todas as paixões populares. Baseada sobre a concepção falsa da egualdade nativa dos individuos, esta ideia devia terminar logicamente na negação de toda a superioridade, e fazer consistir na vontade popular o criterio infallivel da justiça e da verdade e até a fonte de todo o direito; devia exaltar a emancipação do individuo de todas as instituições sociaes, destinadas a protegel-o assim contra os estimulos da sua propria natureza. E eis como, sob o falso pretexto de libertar a humanidade de prisões que a retinham escrava, aboliu a aristocracia, as corporações, a familia e até a Igreja. Seria superfluo demonstrar como um tal systema é contrario aos ensinamentos da sã philosophia. Basea-se na negação da queda original, despresa a natural inclinação do homem para o erro e para o mal, odeia toda a gerarchia, nega a lei da sociabilidade. «O homem é livre e bom naturalmente; a sociedade escravisa-o e deprava-o». Tal é a formula que inspira a Democracia e os diversos systemas que d'ella se derivam.

Dotada de maior perfidia, a Democracia liberal conduz a consequencias não menos perniciosas. Para ella o poder tem o seu auctor e origem no povo, e o soberano é apenas o mandatario do povo. Não é porque o povo seja infallivel, mas porque, sendo composto de individuos livres e eguaes, tem o direito absoluto de se governar como lhe apraz, de impôr-se a si mesmo as leis e as constituições que lhe convierem, de se não curvar deante de nenhuma outra auctoridade que não seja a maioria dos eleitores. O suffragio universal é a carta constitucional d'este regimen.

Este systema tem por ponto de partida, como o liberalismo que lhe deu o ser, uma noção falsa da liberdade. Segundo elle, a liberdade é para o homem um direito absoluto e intangivel, em vez de ser um direito subordinado á existencia d'um certo grau de virtude e moralidade. Ainda mais, este systema põe a liberdade como fim em logar de a considerar apenas como um meio de conseguir o fim.

Nas suas consequencias, a Democracia liberal dá origem a um grande erro.

Reconhecendo o povo como unico depositario legitimo da soberania, attribuindo a todos os individuos que o compõem o direito de tomar parte, egualmente, no governo da sociedade, suppõe: ou que todos os individuos são dotados da mesma competencia, moralidade e prudencia, o que todos os dias estamos vendo desmentido ou que o direito de exercer o poder não exige aptidão para desempenhar as suas funcções, conforme ao bem social o que é opposto ao principio fundamental da sciencia politica.

Comprehende-se que semelhantes aberrações tenham lançado um certo descredito sobre a palavra Democracia, que lhe serviu de brazão durante mais d'um seculo.

Todavia, não devemos esquecer que estes erros não procedem da Democracia em si mesmo. A prova está em que a palavra existia muito antes que o Racionalismo e o Liberalismo vissem a luz do dia, S. Thomaz falla da Democracia como de uma forma de governo normal.

Não nos admira, por isso, que um grupo de catholicos sociaes se tenham recentemente exforçado por restituir á palavra Democracia a sua significação primitiva, apesar dos abusos que ella tem soffrido, pensando que nenhuma outra corresponde melhor ás aspirações do tempo presente, e que não existe nenhuma incompatibilidade entre a ideia de emancipação popular que ella encerra e os principios do christianismo.

E' sobretudo na França e na Allemanha que tem tomado maior incremento esta opinião moderna.

N'esta nova eschola entende-se por Democracia: «o governo do povo, pelo povo organisado.» Segundo ella, a monarchia não é nem uma forma necessaria, nem uma forma superior de governo; é apenas uma forma transitoria e inferior; é o regimen que convem a uma sociedade em formação. O illustrado Padre Naudet escrevia em outubro de 1895: «Quando um povo começa a existir, fraco e ignorante, tem necessidade de protecção. E' por isso que, por instincto, se reune em volta d'um superior de força moral ou material, ao qual, expressa ou tacitamente, confere uma dictadura incontestavel a fim de que o corpo social possa ter defeza segura contra os perigos exteriores da guerra e contra as desordens interiores da anarchia confiando-lhe ao mesmo tempo o cuidado de governar os seus interesses bem simples ainda e que podem ser tratados por um só governante.

A' medida que o povo cresce em população e se desenvolve com o progresso intellectual e material, é facil constatar que uma intelligencia e uma vontade unica não são bastantes para desempenhar a tarefa do governo. Então apparecem as castas ou classes aristocratas, que formam em volta do soberano uma minoria encarregada de o coadjuvar nas suas funcções. Mais tarde, estas reconhecem-se insufficientes e retiram-se para dar logar á burguezia, classe menos privilegiada e de mais facil accesso, que, por sua vez, prepara o logar para a Democracia. Chegado a este ponto, o povo quer encarregar-se por si mesmo dos seus interesses; as classes antigas já lhe não merecem confiança; tem a consciencia de haver chegado á sua maior edade e

não quer confiar o seu futuro bem-estar de um homem só, ou a um grupo de homens, que, pela experiencia do passado, podem ter interesses contrarios aos seus.»

O regimen republicano seria, segundo a theoria presente, o termo ultimo da evolução e do progresso; seria a fórma de governo mais perfeita, a que corresponde ao estado mais elevado da civilisação. Para que este regimen funccione regularmente, é necessario suppôr que um povo chegou a um grau de educação social e politica assás elevado para se poder governar a si mesmo; um povo tão senhor de si que seja superior aos estimulos das paixões e do egoismo; um povo tão sensato e esclarecido que podesse sempre, ou quasi sempre, escolher com acerto o mais apto para exercer o poder supremo e eleval-o a esta dignidade com o suffragio dos seus votos. D'esta fórma, esperar-se-ia que os cargos publicos seriam sempre occupados pelos mais dignos, em vez de serem o privilegio do berço ou da fortuna. O partido da Democracia christã guarda-se de negar a influencia do direito hereditario e de estabelecer uma egualdade contra a natureza.

Declarando que o povo deve ser organisado, mostra que deseja collocar os cidadãos segundo a sua competencia e merito; pretende uma gerarchia social, mas na qual todas as distincções sejam justificadas. Cada um seria chamado a tomar conta do governo da republica, mas tão sómente segundo a medida que a sua capacidade pessoal lhe permittisse concorrer para o bem publico. N'uma palavra, um regimen similhante seria o da autonomia popular abrangendo o exercicio do poder supremo. Em si, este systema não apresenta illegitimidade alguma, nem póde ser repudiado por nenhum dos principios essenciaes da philosophia, se admittirmos que a parte de direitos confiados ao povo, ainda que illimitada em theoria, deve ser, de facto, medida pelo grau de prudencia e moralidade dos individuos chamados a exercer esses direitos. Todavia, não podemos negar as difficuldades que apresenta a realisação integral d'um tal systema. Suppõe uma grande civilisação moral demasiado elevada, ou melhor, suppõe um ideal de perfeição pouco vulgar.

Porém, estas difficuldades não parecem constituir uma impossibilidade insuperavel, porque Deus, chamando todos os homens á santidade, não fixou limites ao desenvolvimento da perfeição. Trabalhar, pois, por tornar o povo mais virtuoso, mais illustrado, mais apto de se conduzir a si mesmo para o bem, é uma obra tão digna e elevada, que nenhum homem, sollicito do progresso moral da humanidade, poderia negar-lhe o seu concurso. E' apenas para receiar que um regimen que exige condições tão perfeitas, seja, em regra geral, de difficil desempenho e pouca solidez.

(Continúa).

SAUDADE

De nevoas o ceu se cobre
De magoas o coração
Como o sol dissipa a nevoa
Dissipa o mal a illusão.

Doiro com doces chimeras
Sevéras, duras verdades,
E com mentirosos sonhos
Applaco crueis saudades.

Se o que existe me não cega,
Faz-me chorar quanto vejo,
Quanto possuo não basta
A fartar o meu desejo.

Tal nos bosques vagabunda
Salta de ramo em raminho
Alguma ave solitaria
Que perdeu o caro ninho.

MARQUEZA D'ALORNA.

RISOS

Ri, creança, a vida é curta,
O sonho dura instante
Depois... o cypreste esguio
Mostra a cova ao viandante!

A vida é triste; quem nega?
Nem vale a pena dizel'o;
Deus a parte entre seus dedos
Qual um fio de cabello!

Como o dia a nossa vida,
Na aurora é — toda venturas,
De tarde — doce tristeza,
De noute — sombras escuras!

A velhice tem gemidos,
— A dôr das visões passadas —
A mocidade — queixumes;
Só a infancia tem risadas!

Ri, creança, a vida é curta,
O sonho dura um instante,
Depois... o cypreste esguio
Mostra a cova ao viandante!

C. D'ABREU.

ILLUSTRAÇÕES DO PRESENTE NUMERO DA «VOZ»

Collegio de S. Boaventura. (Montariol). — Julgamos será agradavel aos nossos leitores offerecer-lhe nas columnas da *Voz* uma gravura representando o *Collegio de S. Boaventura* d'onde partiu (em Portugal) esse sopro que de novo tanto ani-

mou a devoção a Santo Antonio no coração dos seus patricios. Poucos serão os portuguezes que não tenham ouvido fallar no *Pão dos Pobres, Pia União, Voz de S. Antonio,* e mais algumas coisas pertencentes ao culto do nosso Santo Antonio.

Realmente a historia d'este collegio é hoje um pouco diversa do que foi. Está collocado n'um dos mais bellos sitios que rodeam a antiga e nobre Braga; foi fundado pelos RR.os PP.es da Companhia de Jesus, que o destinaram a receber os religiosos que haviam mister d'um clima restaurador e benefico, para refazer as forças perdidas no cumprimento do ministerio apostolico ou das lides escolares. Forçados pela *liberdade* a deixar o que era seu, foi a casa e suas pertenças vendida a seculares, *a quem pouco aproveitou a sua posse;* desde 1890 habitam-n'a os filhos de S. Francisco, que a tornaram um verdadeiro museu *Antoniano.*

Não é porém este o seu primario fim, destina-se a educar missionarios que n'um futuro mais ou menos proximo, possam ir com os nossos expedicionarios á Africa e ahi resolver com a efficacia da Cruz, o que se não cortará com a espada, sem muito sangue.

Tem-se augmentado muito ao que era antigo e continúa a trabalhar-se, por assim ser indispensavel ao fim a que se destina.

Aqui está o que foi e é o collegio de S. Boaventura, o futuro pertence a Deus.

S. Antonio na Egreja da Ordem Terceira (Braga). — Vide pag. 396.

CHRONICA UNIVERSAL

ROMA

Zola condemnado — Já demos noticia a seu tempo da condemnação de *Lourdes* e de todos os livros de Zola. Hoje avisamos de novo os nossos leitores que nenhum dos livros do dissoluto romancista podem ser lidos sem a devida faculdade ecclesiastica, nem ainda o seu ultimo romance intitulado *Roma* que tambem foi ultimamente posto pela S. Congregação no catalogo dos livros prohibidos.

Mons. Martinelli. — Já se despediu do Santo Padre para ir tomar posse da sua missão de delegado apostolico dos Estados Unidos. Apesar da sua missão, e de ser creado arcebispo de Epheso, continua sendo, por vontade do S. Pontifice, Geral da sua Ordem.

Ordenações anglicanas. — A questão suscitada a respeito da validade d'estas ordenações e de que se teem occupado homens eminentes no saber, acaba de ser decidida pelo Santo Padre que, n'uma monumental encyclica, declarou *invalidas* as ordenações segundo o rito anglicano e por conseguinte nullas. Esta decisão, ha muito tempo aguardada com impaciente anciedade, é de prevêr que cause grande impressão no animo dos protestantes.

Soccorros. — Leão XIII, profundamente commovido pelas crueis provas que teem soffrido os pobres armenios e ao mesmo tempo consolado pela maneira nobre e digna com que se teem havido os armenios catholicos, graças ao zelo de seu patriarcha Mons. Azarian, em meio das graves e recentes desordens, determinou enviar-lhe novos soccorros por intermedio da Propaganda.

Approvação do Congresso anti-maçonico.—O Santo Padre enviou a M. Alliata, presidente do conselho director da associação anti-moçonica, uma carta dando plena approvação ao congresso e expressando sua confiança no mesmo. Dá tambem sua benção apostolica a todos os que tomarem parte no dito congresso.

Peregrinação. — Uma peregrinação vinda d'algumas provincias da alta Italia, foi visitar o prisioneiro augusto do Vaticano, afim de lhe mitigar as magoas que affligem o seu coração. Os peregrinos eram 1:500; presidia á peregrinação, Mons. Scoton.

Um *cicerone* d'um grupo de peregrinos, na visita ao Pantheon, fez notar a ridicula figura que fazia o monumento de Victor Manuel, sob a campanha de Agrippa.

Esta observação desagradou aos italianissimos e ahi começa a imprensa sectaria a berrar.

O *cicerone* ainda foi preso, depois soltaram-n'o.

Que tolerancia!

PORTUGAL

Ao congresso anti-maçonico. — Partiu para Trento afim de representar os catholicos portuguezes no primeiro congresso anti-maçonico o P. Director da *Voz de S. Antonio* P. Fr. João da SS. Trindade, que foi superiormente escolhido para esta missão.

Adhesões. — São numerosas as adhesões que os portuguezes enviaram ao congresso anti maçonico de Trento, entre ellas se destacam as de nove prelados portuguezes, a da imprensa catholica, a do Cabido da Sé patriarchal de Lisboa, da Associação protectora dos operarios, de diversas Ordens Terceiras da Penitencia, da Ordem Terceira do Carmo de Lisboa, do Apostolado da Oração, da Associação Catholica de Braga, da Juventude antoniana, da Associação da mocidade catholica de Lisboa, do Arcyprestado de Ourem, etc., etc.

Padre Mattos. — No dia 7 de setembro falleceu em Campolide o Rev. P. Mattos, redactor do *Novo Mensageiro* e filho illustre da Companhia de Jesus. — Nasceu a 20 de março de 1833 e entrou na Companhia a 21 de junho de 1858. Foi sacerdote muito zeloso e incansavel no serviço de Deus. Ninguem desconhece o bem immenso que este sacerdote tem feito á causa catholica com sua aparada e judiciosa pena.

Depois de uma vida cheia de obras boas seu espirito pousou placidamente no Senhor na idade de 73 annos. Sua morte foi muito sentida.

Bodas de prata. — Foi muito festejado, em especial pelo clero diocesano, o Em.mo Cardeal Bispo do Porto, no seu XXV anniversario da sagração episcopal.

Leão XIII por meio do seu secretario d'Estado enviou ao illustre Porpurado um telegramma de felicitação.

Peregrinação ao Sameiro. — No dia 30 d'agosto subiu ao monte Sameiro a peregrinação annual da cidade de Braga á Virgem Immaculada. A peregrinação foi muito concorrida tomando parte n'ella as muitas associações de Braga. Durante o itenerario os peregrinos entoavam canticos á Virgem. Quando a peregrinação chegou ao seu termo houve missa campal pelo abbade de S. João do Souto e sermão pelo rev. Padre Joaquim Dias Silvares, jesuita.

O snr. Arcebispo alcançou de Roma indulgencia plenaria e benção papal para os peregrinos.

Victoria dos portuguezes. — Em Timor as armas portuguezas que tão brilhantemente venceram na guerra d'Africa, abrilhantaram-se mais uma vez nas derrotas infligidas aos nossos subditos rebeldes. As communicações telegraphicas enviadas pelo governador da ilha ao governo dizem que foram tomadas todas as povoações, que houve

muitas mortes e grande presa e o reino de Bolibó rendido á discrição.

Convento de Semide. — A imprensa catholica tem referido com indignação a maneira incivil e brutal como os agentes do governo tomaram posse d'este convento depois de fallecida a ultima freira. Eis o que pouco mais ou menos nos diz o *Correio Nacional*:

Entrados os empregados da fazenda no convento fecharam tudo e as senhoras recolhidas tiveram de pedir aos povos da visinhança o alimento necessario para sua alimentação. De tudo haviam sido privadas. E para cumulo de vergonha foi impedido por esses mesmos empregados sahirem os objectos necessarios para o transporte dos viveres. Depois de haverem feito das suas no convento, sairam a fazerem uma patuscada n'um visinho casal, d'onde só voltaram ao convento a horas em que as senhoras se negaram a abrir-lhes as portas; era já noite fechada. Deram se então scenas bem pouco edificantes da parte dos empregados. — A invasão do edificio foi tumultuaria, sem assistencia da auctoridade episcopal, e disto se queixou o snr. bispo conde ao governo.

De tudo se tomou conta, até foi posto em leilão um resto de alimento das pupillas e os fructos pendentes que haviam cultivado com as suas economias.

O povo ficou indignado e é grande a sua magua pela extinção do convento que era amparo de muitos necessitados.

HESPANHA

Lugo. — No dia 26 d'agosto abriu-se o solemne congresso eucharistico que se realisou n'esta illustre cidade. Ao congresso assistiram 2 cardeaes e 19 bispos. Era presidido pelo Arcebispo de Valladolid, cardeal Cascajares.

Inaugurou-se o congresso com missa solemne de Pontifical celebrado pelo snr. Arcebispo de Santiago. Ao Evangelho subiu ao pulpito o Arcebispo de Burgos, franciscano que orou durante 35 minutos.

O acto religioso terminou com a leitura da Bulla que concedeu a esta cathedral o privilegio de Basilica.

A 1.ª sessão do congresso foi aberta com o *Veni Creator* cantado por 500 padres e 18 bispos. São muitos os prelados que tem feito ouvir sua voz n'este congresso, aonde tem corrido fieis de todas os pontos da Hespanha e ainda do estrangeiro. As adhesões ao congresso teem chovido de todas as partes.

O congresso terminou no dia 30 d'agosto como uma imponentissima procissão.

No continente. — A situação de Hespanha vai-se aggravando dia a dia. Rebentam revoluções de todos os lados; por toda a parte se conspira.

Não é só lá fora que se trama nas trevas e ás claras contra esta obriosa nação; é tambem no coração da peninsula, é dentro da propria Hespanha. Manifestos socialistas, conluios separatistas, manifestações até por gente armada contra o governo, tudo isto e muito mais se tem visto na propria Hespanha. Tem havido numerosas prisões principalmente de republicanos que de mãos dadas com a maçonaria e sociedades biblicas só buscam criar difficuldades ao governo com grave detrimento do paiz a que antepõem os proprios interesses. Apesar de tudo isto a partida das tropas para Cuba tem sido sempre muito enthusiastica.

De modo mui diverso do partido republicano se tem havido o partido carlista que tem attrahido muito as attenções pela attitude tomada ao abandonar as camaras. Publicou um manifesto que fez grande ruido na imprensa e muita sensação nos animos. N'elle explica a causa porque abandona as camaras e se declara partidario da centralisação politica e descentralisação administrativa. Confessa tambem que não entrará em lucta armada para rehaver o throno emquanto o governo estiver a braços com a guerra de Cuba e das Philippinas a não ser que cousas excepcionaes a isso o impelissem.

De tudo isto se deduz que a situação em Hespanha é muito grave e seria.

Estaremos em vesperas d'alguma guerra civil? Aguardemos os factos.

Philippinas. — Foi communicado officialmente pelo governador das Philippinas ao governo hespanhol que se havia descoberto uma vasta conspiração separatista organisada pelas sociedades secretas, achando se presas 22 pessoas e entre ellas o grande Oriente das Philippinas. Quando no parlamento se leu o telegramma do governador noticiando a conspiração todas as minorias protestaram e um deputado atacou fortemente a maçonaria e os governos que as toleram:

A maçonaria invida todos os esforços para levar a Hespanha ao abysmo da perdição. — A guerra de Cuba é feita pela maçonaria, os tumultos internos foram assoprados pelas lojas maçonicas e agora a conspiração nas Philippinas. — Já partiram para este archipelago dois cruzadores e importantes reforços de soldados; teme se muito que se aggrave a situação porque a guarnição das ilhas é quasi toda indiana.

Em alguns pontos do archipelago reina a rebellião. Os rebeldes teem atacado as fazendas e os conventos; assassinaram já 13 frades franciscanos e recollectos. Teem se dado alguns recontros, soffrendo os revoltosos perdas consideraveis. A insurreição porem não está abafada.

Já foram fuzilados alguns instigadores da rebellião. Segundo as ultimas noticias descobriu se mais uma conspiração.

Antilhas. — A revolução não parou só na grande Antilha já se estendeu tambem a Porto Rico, cuja guarnição foi já augmentada. — A guerra continua se n ser decidida. Tem havido escaramuças em que os rebeldes teem soffrido perdas consideraveis. Partiram ultimamente para esta ilha mais 40:000 soldados, para depois com este valioso reforço se incetar a nova campanha em que, se pretende acabar com a interminavel guerra. A tropa enviada desde que rebentou a guerra foi em numero de 180:000 soldados.

FRANÇA

A peregrinação.—Foi grandiosa a peregrinação nacional a Lourdes. Houve muitas graças e muitas curas miraculosas. Doentes desamparados dos medicos e condemnados pela sciencia, se ergueram de subito sãos e puderam logo acompanhar a procissão do SS. Sacramento. Impios e incredulos confessaram-se vencidos pela divina graça. A peregrinação terminou pelas acções de graças em N. Senhora das Victorias e Montmartre.

Perseguição. — Emquanto o presidente da republica e outras dignidades republicanas vão condecorando com medalhas de honra os membros de congregações religiosas, o fisco segue sempre na sua derrota de perseguição contra os mesmos membros.

A cada passo, a imprensa nos dá conta de actos vergonhosos do fisco praticados nas congregações religiosas.

Em Gardes, as Trappistas recusaram se a pagar a lei iniqua de *abonnement* e por isso lhes foi apprehendido um boi que tem dado que fallar em toda a França.

Quando o animal foi levado á praça para ser arrematado, já lá o aguardavam para cima de 2:000 pessoas de todas as classes e condições que reprovavam tão iniquo proceder. A multidão, ainda que indignada, não tumultuou; contentou-se apenas em gritar com toda a força dos pulmões: Viva a religião! *Vivam as Irmãs! Abaixo a maçonaria!* Em meio d'estes gritos, os agentes fiscaes retiraram se com o boi e foi então que o povo, indo lhe no encalço, redobrou de vozearia.

Contra estas e semelhantes exorbitancias teem se feito muitos protestos assignados por milhares de pessoas, mas o mal vae sempre seguindo seu caminho.

Muitas outras iniquidades teem sido consummadas contra as congregações religiosas, por isso em todas as communidades se ora com fervor para que não vinguem os designos malignos da maçonaria que entende acabar com as ordens religiosas.

Questão com o Brazil. — Ha tempo levantou-se uma questão de limite por causa da fronteira da Guayana. Dis-

cute-se qual seja o rio que servia de fronteira entre a antiga possessão portugueza e a franceza. A questão foi sujeita á arbitragem da Suissa. Se a sentença fôr desfavoravel á França, perde ella uma terça parte da Guayana, onde ha terrenos fertilissimos e importantes pelos seus filões de metaes preciosos e que hoje fazem a cubiça das duas republicas.

Madagascar. — Os protestantes inglezes atiçados, dizem, pelo seu proprio governo não descançam na sua lide anti-catholica e contra a França, assoprando no seio das populações indigenas o odio dos catholicos e dos francezes. A sua audacia, apoiada pelo proprio governador francez, que tambem é protestante, redobra em actividade. A insurreição dos indigenas tem augmentado. Estes emboscam-se nas selvas e atacam todas as caravanas. São milhares os indigenas em revolta, muitos dos quaes estão armados de boas espingardas. Os revoltosos teem commettido horriveis atrocidades, mórmente contra os indigenas que se manteem fieis á França.

ITALIA

Loreto. — Uma peregrinação se organisou á basilica de Loreto onde no dia 8 de setembro, Natividade de N. Senhora, se ajuntaram 8:500 peregrinos que lá foram levados por 75 parochos a implorar o auxilio da Virgem para a sua desgraçada patria.

O desastre na Abyssinia. — Tem-se feito muita luz sobre a monumental derrota italiana em Africa. Sabe-se que o culpado foi Crispi que apesar dos continuos telegrammas em que Baratieri lhe manifestava os perigos da situação sempre respondia: Temos necessidade de uma victoria! — E' necessaria uma victoria! — O paiz aguarda uma victoria! — E quando Baratieri communicou a Crispi uma escaramuça indecisa — era nas vesperas da celebre derrota — este respondeu-lhe em continenti: «Isto não é guerra! é uma phtisica militar! sinto não estar ahi para vos dar conselhos! — O resultado foi melindrar os brios dos officiaes que deliberaram logo atacar o inimigo; d'ahi grande precipitação e por fim vergonhosa derrota.

O casamento do principe de Napoles.—Espalhou-se a principio que este casamento se realisaria em Cettigne, capital do Montenegro; ultimamente porém noticiaram os jornaes que será celebrado em Roma na igreja de N. Senhora dos Anjos, assistindo o gran-prior de S. Nicolau de Bari, em cuja igreja deve a princeza Helena, esposa do principe, ser recebida ao catholicismo. O casamento civil deve ser effectuado no Quirinal.

Que humilhação para a Casa de Saboia não ter na capital do mundo catholico uma basilica que lhe abra as portas para ahi celebrar o casamento d'um principe, futuro herdeiro da corôa, nem um cardeal que abençoe a união dos reaes esposos?

A princeza Helena tem sido preparada e disposta para abraçar o catholicismo pelo bispo franciscano de Autivari, havendo primeiro mediado permissão do Czar para a princeza abraçar o catholicismo.

20 de setembro. — Esta data de triste memoria na historia do catholicismo, em que a força bruta espesinhou o direito e a justiça foi festejada em Roma pelos italianissimos franc-maçons. Que esta festa é annualmente celebrada pela maçonaria, não ha ahi quem o ignore. — O gran-mestre italiano por occasião da commemoração revolucionaria dirigiu uma circular a todas as lojas italianas em que se lia a irritação causada pelo congresso anti-maçonico de Trento e onde convidava os sectarios a opporem ao congresso a celebração da festa de 20 de setembro.—Escusado é dizer que o governo tomou parte na festa.

ALLEMANHA

Congresso catholico em Dortumnd. — N'esta cidade onde a maior parte da população é protestante celebrou-se o 43.º congresso catholico allemão. A pesar da maioria da cidade ser protestante os congressistas foram muito bem acolhidos e a cidade estava toda de festa, fluctuando por toda a parte bandeiras de todos os tamanhos e côres. O congresso foi presidido pelo deputado Graeber, homem que se tem salientado pelo seu talento e como orador. A imprensa estava largamente representada. A primeira sessão concorreram além de 5:000 congressistas. Foi enviado ao S. Padre um telegramma para lhe pedir sua benção. A resposta foi escutada de pé e em profundo silencio. Entre as questões tratadas foi uma a do poder temporal do Romano Pontifice A questão operaria. A readmissão das ordens religiosas etc.

AUSTRIA

Celebrou-se em Sabsbourg o quarto congresso catholico austriaco. Entre as muitas questões ahi tratadas a questão romana foi das que mais se salientou. O orador, conego Kaltner, baseou todo seu discurso em documentos historicos e nas Enciclicas pontificias.

O congresso foi imponente, era numerosa a concorrencia dos congressistas. A imprensa liberal, mórmente a italiana, de má mente viu que o governo felicitasse e apoiasse o congresso, principalmente por causa da questão romana que os congressistas encararam de modo differente dos italianissimos. Este congresso deixou entrever as mais lisongeiras esperanças sobre unidade de acção catholica tão desejada pela Santa Sé e pelo episcopado.

Varia

BIBLIOGRAPHIA

O movimento catholico no fim do seculo XIX, em frente do socialismo e do anarchismo. — Discurso pronunciado no Congresso catholico internacional de Lisboa em 28 de junho de 1895, por Jeronymo Pimentel. — Lisboa, Typographia Mattos Moreira & Primo. — 1896.

Ha já tempos que tivemos o prazer de receber do illustre auctor o folheto que hoje annunciamos Não démos logo noticia d'elle na nossa revista, porque o quizemos lêr com toda a attenção, apesar de termos tido a honra de o ouvir e de o applaudir no magnifico Congresso catholico de Lisboa, no anno passado.

E, com effeito, o magistral discurso do ex.mo conselheiro Jeronymo Pimentel é digno não só de se lêr, mas de se estudar. Com uma linguagem notavel, e por isso mesmo eloquente, o illustrado auctor descreve a vivos traços as causas de todos os males sociaes, deduzindo-os da sua verdadeira fonte, o orgulho humano. Passa depois em revista a acção da religião combatendo esses males, sarando as feridas que elles deixam abertas e mostrando sempre ás multidões o caminho da felicidade. Percorre as diversas nações, e apresenta com dados certos os progressos do christianismo na continuação da sua obra reparadora atravez dos seculos.

Refere-se com muita propriedade á estupenda encyclica *Rerum Novarum*, de cuja doutrina sabe, com mão de mestre, deduzir as mais bellas conclusões praticas para a sociedade.

Não lhe passou despercebida a insensata critica feita á mesma encyclica por um candidato ás cathedras da nossa Universidade. De um só golpe destroe radicalmente um livro que se funda n'um sophisma, confundindo a propriedade com o seu uso.

Combate, finalmente, o socialismo, e legitima a propriedade e o seu uso com substanciosos argumentos.

E' honroso para a causa social e para a Igreja em Portugal ter um paladino que tão illustremente as sabe defender, qual é o ex.mo snr. conselheiro Jeronymo Pimentel. Com a expressão da nossa admiração receba s. ex.ª as nossas sinceras felicitações pelo seu magnifico opusculo.

A alma portugueza, pelo padre Senna Freitas

Discurso panegyrico, pronunciado em Lisboa, no dia 3 de maio de 1896 na Egreja e na Festividade de Nossa Senhora dos Martyres.

Lisboa, M. Gomes, Editor — 1896.

E' mais um cantico á patria e á fé, que o brilhante escriptor e orador, o ex.mo snr. Conego Senna Freitas, levantou em honra de Nossa Senhora dos Martyres de Lisboa. Em phrase diamantina, o douto sacerdote descreve o que seja o amor patrio, faz a apologia da fé, e n'estes dois nobilissimos ideaes basea toda a grandeza do nosso querido Portugal. Refere-se á tomada de Lisboa aos sarracenos e o alento que infundiu nas tropas lusitanas a imagem da virgem, benzida pelo arcebispo de Braga D. João Peculiar, e levada ao campo da batalha por um dos chefes sitiantes. Sauda o renascimento religioso em Portugal e appella para a necessidade da fé pratica. Encerra o seu magistral discurso com uma invocação á patria, que é, simplesmente, uma belleza oratoria.

Devocionario das almas do Purgatorio

Extrahido de varias publicações piedosas etc. por J. B. de Freitas Leal. — Funchal, 1894.

E' uma collecção de orações em favor de nossos irmãos que soffrem no Purgatorio. Contem tambem as orações da manhã e da noite, e o methodo de ouvir missa pelas almas.

O grande thaumaturgo de Portugal, Santo Antonio de Lisboa

Sua vida, sua epocha e sua bibliographia estudadas escrupulosamente nas suas primitivas fontes de Portugal, Italia e França — Commemoração septicentenaria por F. A. Carlos das Neves, presbytero e bacharel formado em Theologia pela Universidade de Coimbra — Edição acompanhada do antigo retrato do Santo em phototypia e do brazão da sua nobreza.

Summario dos capitulos:

Capitulo I, Sua ascendencia—A Peninsula iberica sob o dominio dos sarracenos.—Formação e incremento da monarchia neogothica.—Autonomia da provincia *portucalense*, ou *Portugal*.—Apparecimento historico do *bisavó*, e successivamente do *avó* e *paes* do grande Thaumaturgo.

Capitulo II, Sua infancia (1195-1209)—Nascimento e Baptismo do Thaumaturgo.—Sua educação no seio da familia.—Seus primeiros estudos na cathedral.—Seus primeiros milagres.

Capitulo III, Sua juventude (1210-1221)—Fernando de Bulhão subtrahindo-se á influencia do seculo.—Seu ingresso no Mosteiro de S. Vicente, em Lisboa.—Sua transferencia para o Mosteiro de Santa Cruz em Coimbra.—Seus estudos superiores n'este Mosteiro abbacial.—Sua passagem para a Ordem dos Irmãos Menores.

Capitulo IV, Sua provação (1221-1222)—Partida do Thaumaturgo para a evangelisação da Africa.—Sua doença, regresso e arribamento inesperado á Scilia.—Sua entrada na Italia, e presença no IV Capitulo franciscano.—Seu retiro no eremiterio e gruta do Monte-Paulo.—A primeira revelação da sua sciencia na cidade de Forli.

Capitulo V, Seu apostolado (1222-1231), I parte, Suas primeiras funcções na Italia (1222-1225)—Sua primeira missão pela antiga provincia de Æmilia.—Seus pretendidos estudos de Theologia mystica em Vercelli.—Sua nomeação para director de Theologia em Bolonha.—O amplo horisonte que deu á sciencia mystica.—Sua prégação em Vercelli; Thomaz Gallo e a *Imitação de Christo*.

II parte, Seu apostolado em França (1225-1227)—Sua residencia e seus prodigios em Montpellier.—Sua missão em Tolosa contra a hereresia dos *albigenses*.—Sua guardiania em Tuy; e seus triumphos em Bourges e Arles.—Sua custodia em Limoges e seus contornos.—Seu entretenimento com Jesus-Menino, e o seu ardor pelo divino Coração.—Seu retiro na gruta da floresta de Brive.

III parte, Seu segundo apostolado na Italia (1227-1231)—Sua primeira entrada em Roma, e *O seu dom das linguas*.—Sua assistencia ao Capitulo geral de Assis, e seu provincialado de Bolonha.—Seu apostolado em Rimini, Adriatico, Goritz, Udina, Gemona, Padua, Ferrara, Florença, Milão, Vercelli, Varese, Brescia, Trento, Verona e Mantua.—Trasladação do corpo de S. Francisco, e a commissão do Thaumaturgo a Roma.—Seu repouso em Padua, que salvou da tyrannia de Ezzelino.—Seu retiro para Camposampiéro, onde expirou.

Capitulo VI, Sua beatitude—Testemunhos immediatos e evidentes da santidade do grande Thaumaturgo.—Suas exequias excepcionalmente gloriosas.—Peregrinações festivas e geraes ao seu tumulo.—Sua canonisação rapida e miraculosa.—Seu apostolado posthumo; seu culto e suas reliquias.

Capitulo VII, Sua sciencia — Argumentos intrinsecos: Sua grande cultura philologica: linguas occidentaes, principalmente a portugueza (copia de 3 cartas), a italiana, a franceza e a latina; linguas orientaes, principalmente a grega e a hebraica.—Sciencia theologica, e profundamente exegetica, a patristica e a mystica (alguns trechos).—Sciencias naturaes, principalmente zoologia, physica, astronomia e medicina (alguns exemplos).—Sua poesia, seu ardor apostolico e sua eloquencia (trechos dos sermões).—Resenha de suas obras oratorias e mysticas.

Argumentos extrinsecos: Testemunhos de Thomaz Gallo, Gregorio IX, S. Boaventura, Cardeal Guy de Montfort, e de historiadores notaveis.

Capitulo VIII, Sua bibliographia—Caracter das primitivas fontes da historia do Thaumaturgo.—Quadro das principaes obras, de Portugal e d'outras nações, que se occupam exclusivamente do grande Thaumaturgo.—Indicação das principaes obras que mais se referem indirectamente ao Thaumaturgo.

Synopse chronologica da vida do grande Thaumaturgo.

A' venda na livraria de Aloysio Gomes da Silva, editor — 53, Largo dos Loyos, 54 — Porto.

Collegio do Espirito Santo

Já por vezes nos temos referido com muita satisfação a esta bella casa de educação, uma das melhores do reino, e com certeza a melhor do norte de Portugal; hoje visitou-nos o *relatorio* d'este collegio, que vem melhorado a todos os respeitos, especialmente nos algarismos de matricula que foram durante o anno lectivo de 1895-1896 nada menos de 300. O que, porém, é devéras consolador para a dignissima direcção e para as familias dos estudantes, é o resultado final dos exames:

Approvados, 225 — Distinctos, 32 — Addiados, 12!!

Muito bem! Os nossos sinceros parabens aos RR.dos PP. directores do Collegio do Espirito Santo, e Deus queira que para o anno tenhamos de duplicar os algarismos.

Vida del B. Teofilo de Corte

Recebemos e muito agradecemos este opusculosinho de 63 paginas em que o já conhecido escriptor Fr. Mariano Fernandez Garcia descreve a vida, virtudes e milagres d'este glorioso servo de Deus *B. Teofilo de Corte*, beatificado a 14 de setembro de 1895, e que completa o numero de 168 santos religiosos franciscanos beatificados pela Igreja.

E' um pequeno livrinho, mas contem um verdadeiro modelo de vida christã praticada pelo santo, e muito bem ordenada pelo seu auctor. Tem onze capitulos.

1.º Nascimento e infancia angelical.
2.º Vocação religiosa, e ordenação sacerdotal.
3.º Foi instituido Leitor e Pregador.
4.º Vida do B. Teofilo em Civitella.
5.º Vai para Palombara.
6.º Sua permanencia em Corsega.
7.º Volta para Italia.
8.º Ultimos annos.
9.º Suas virtudes.
10.º Seus milagres.
11.º Seu culto.

Termina com uma novena ao Santo.

Conversão d'um maçon. — A' conversão de Salutore Zola (parente afastado de Emilio Zola) muitas outras se ihe têm seguido.

Esta ruidosa conversão que echoou por todo o mundo abalou immensamente os animos de muitos maçons e encheu de furias ainda a muitos mais, mormente aos irmãosinhos .·. do Egypto que em bilhete lhe dirigiram a seguinte significativa ameaça:

Oh! que horror
Traidor.

Entre ellas avulta a de Dario Bonetti que anuviou de profunda tristeza o escuro ceu das moçonicas lojas mantuanas.

Insuspeito testemunho d'esta conversão é a carta por elle dirigida ao Gr. Oriente de Roma. E' do theor seguinte:

«Meu illustre senhor

«Apoz a immensa desillusão que experimentei no seio da associação maçonica, em que entrei, ha annos, com todo o ardor d'um neophito, querendo trabalhar convosco e para sempre em prol da humanidade; hoje summamente desgostoso das *nauseabundas intrigas que ahi se praticam unicamente baseados em calumnias, vinganças e perjuros*, aparto-me completa e definitivamente da seita para voltar, alma sinceramente contrita, ao seio da Santa Madre Igreja Catholica, em que nasci, abjurando os erros que professei durante tantos annos.

«A santa religião catholica dispensar-me-ha palavras de paz, de amor, de conforto, ao passo que a seita perversa vivendo só de *imposturas e iniquidades* me despedaçava a alma.

«Por conseguinte julgo meu dever restituir-vos os diplomas, etc...

«Dario Bonetti,

ex-mação.»

Esta abjuração foi solemnemente sanccionada n'uma reunião das aggremiações catholicas de Mantua em S. Barnabé, presidida pelo bispo de Cervia, D. Frederico Folschi. E' pois de incontestavel veracidade ainda quando a pretenda occultar ou negar a imprensa assalariada pela seita, como o fez a respeito de Salutore Zola a maçonica imprensa allemã espalhando que não existia semelhante entidade. A mentira porém não lhe aproveitou, mas saiu-lhe cara porque o correspondente d'um dos principaes jornaes buscou o convertido Zola e deu depois minuciosa noticia de toda a verdade — «Mentita est intquitas sibi.»

A peregrinação franceza a Lourdes. — Foi imponente a peregrinação nacional franceza que os zelosos religiosos Agostinhos da Assumpção levaram á basilica da Virgem de Lourdes. Peregrinos de todas as classes e condições vindos de todos os pontos da França lá se foram encontrar no santuario de Maria, unidos todos na mesma fé e ardendo no mesmo fogo de enthusiasmo e amor para com a Consoladora dos Afflictos. Foram mais de 40:000 os peregrinos que appareceram em Lourdes durante a grande peregrinação. Não eram só francezes, mas muitos devotos de Maria de longinquas partes do mundo lá estavam tambem, e entre elles avultavam os de Portugal, da Italia, da America e da Inglaterra.

Os enfermos iam além de 1:500. Era vasto esse estendal de miserias humanas, que apresentava á vista do espectador os mais diversos cambiantes da humanidade enferma e paciente.

Todas as molestias e enfermidades visitaram Lourdes durante a peregrinação; Lourdes durante esse tempo, dir-se-ia o local de grande parada de enfermos, onde a Virgem passaria em revista essa enorme multidão de doentes que lá lhe iam em demanda da saude perdida.

Nunca houve curas mais assombrosas, nem mais numerosas. Foram mais de sessenta. — Os telegrammas enviados pelos agraciados aos differentes pontos da França, annunciando os milagres operados pela SS. Virgem eram outras tantas faiscas electricas que faziam irromper dos corações de todos as mais enthusiasticas acções de graças á Immaculada de Lourdes.

E' tão evidente, tão palpavel a acção sobrenatural n'estas curas miraculosas que a incredulidade não ha podido negal-a.

Um indifferente que havia ido a Lourdes, como simples curioso, confessou-se *vencido;* caiu de joelhos e orou como os crentes.

O padre Kneipp. — Os creditos d'este verdadeiro amigo da humanidade vão-se firmando mais e mais. Os jornaes a cada passo nos dão noticia de novos estabelecimentos onde os doentes são tratados pelo methodo kneippista.

Falla-se em Braga, e os jornaes locaes já o noticiaram que no Bom Jesus do Monte se vai fundar um estabelecimenro congenere.

Em Roma tambem ultimamente um Irmão de S. João de Deus instituiu e dirige com bons resultados uma enfermaria onde os doentes são curados pelo mesmo methodo. Estes religiosos já em diversos hospitaes da Allemanha teem enfermarias especiaes onde as doenças são tratadas pelo mesmo systhema hydroterapico.

Por este andar veremos ainda o padre Kneipp supplantar os outros systhemas therapeuticos.

Instituto das missionarias franciscanas. — E' mui recente este instituto das missionarias franciscanas de Maria, conta apenas 20 annos E em tão curto praso muito tem progredido. Tem já hoje umas 30 casas na Europa e nas missões dos diversos paizes com mais de 1:300 Irmãs que cuidam de cerca de 400:000 meninos, enfermos e velhos.

As constituições d'estas benemeritas Irmãs foram ultimamente approvadas pela Santa Sé.

A proposta de Littré. — Tem corrido mundo a narração feita pelo incredulo Legouvé d'um facto d'outro incredulo Littré ácerca da educação da filha d'este ultimo.

No dia do nascimento de sua filha, escreve Legouvé, disse Littré a sua esposa:

«Minha querida, tu és catholica fervorosa e practica. Educa pois nossa filha n'esses habitos de piedade. Só ponho uma condição, e é que, quando ella tenha quinze annos, m'a tragas á minha presença; expôr-lhe-hei então as minhas ideias, e ella escolherá.

«A mãe acceitou. Decorreram os annos marcados pelo pae, e uma manhã entrou ella no gabinete de seu marido.

«Venho, — lhe disse, — cumprir minha promessa: nossa filha está prompta a escutar-te com todo o respeito e confiança que lhe inspira um pae a quem ama e venera do coração.

«Queres que entre? — Certamente, respondeu Littré, porém... com que fim? Se é para que eu lhe exponha as minhas ideias, mil vezes não! Tu fizeste d'ella uma creatura bondosa, terna, simples, recta, illustrada e feliz. E julgas que eu teria valor para lançar as minhas ideias atravez d'essa pureza e d'essa felicidade? As minhas ideias!... Podem parecer-me boas para mim; porém, quem me assegura que o seriam tambem para ella? Quem me garante que com taes ideias não se corre perigo de destruir ou de perturbar a obra de educação que n'ella realisaste com tanta perfeição? Manda-a entrar, sim, para te bemdizer em sua presença e bemdizer tudo o que em seu bem tens feito, para que d'este modo te venere e te ame mais ainda.»

Legouvé accrescenta:

Eu tambem tive e tenho no meu lar domestico almas crentes; e, do mesmo modo que Littré considerar-me-ia criminoso se alguma vez tentasse perturbar com minhas duvidas, ou offender com meus argumentos essas convicções religiosas, onde as pessoas que amo com tanta ternura haurem constantemente consolação e virtude.»

— Praza ao ceu que um raio de divina luz illumine a intelligencia d'este incredulo e que haja a suprema dita de expirar nos braços carinhosos da Igreja santa, como a houve Littré, Julio Simon e tantos outros que depois de terem passeado a estrada do erro acertaram por mercê divina entrar, embora tarde, no caminho da verdade, da justiça e da vida.

Um livre-pensador ás direitas. — O supremo *desideratum* do livre pensamento seria vêr supplantado o catholicismo, cujo throno glorioso tanto ambiciona. No empenho de o derruir se esforça, vão já centenas de muitos annos, sem que haja attingido o alvo de seus desejos. Ensina elle que se póde ser *homem de bem*, um *caracter honrado*, sem culto, sem oração e sem Deus.

E' interessante um dialogo publicado por uma folha estrangeira, havido entre uma senhora e um cavalheiro, ácerca do livre pensamento.

Este ultimo tendo desdobrado *per longum et latum* a these do livre-pensar, estatuindo a inutilidade da religião, exclama com ares triumphantes em meio d'um publico que parecia applaudil-o:

— Sim, eu entendo que basta ser homem de bem.

— A senhora: — Já isso é muito, meu senhor.

Elle — E digo que sem ir á missa se pode levar uma vida irreprehensivel.

Ella — Sou do vosso parecer, e conheço muitos que sem praticar a religião tem um porte de vida sem senão.

Elle — Muito bem, minha senhora, sinto vivo prazer em vos vêr á altura do nosso seculo.

Ella — Posso-vos até citar um facto recente ainda, em que se evidenceia a verdade do que affirmo.

Elle — Oh! contai-m'o, minha senhora, peço-lh'o, porque sou jornalista e com elle approveitarão os meus leitores.

Ella — Pois bem; vivia eu ultimamente em uma casa com todos os commodos e onde havia um velho creado. Nunca o viam na igreja, não sabia nenhuma oração; não fallava com os padres, emfim era um *livre-pensador*.

Elle — Devia, sem duvida, pertencer a alguma *loja maçonica?*

Ella — Não lh'o sei dizer; porque não averiguei o caso; mas o que lhe posso affirmar é que vivia honrada e irreprehensivelmente, posto fosse livre-pensador.

Elle — Ahi está; tudo isso confirma o que asseverei ao principio.

Ella — Muito bem. Como era fiel e dedicado, todos o estimavam muito.

Elle — E merecia-o. E então a senhora diz que elle não era clerical?

Ella — Seria tudo menos isso. Se elle nunca deu o minimo indicio de religião!

Elle — Com que então era um livre-pensador convencido?

Ella — Mais que convencido. Succedeu porém cahir gravemente enfermo e seus amos viram com verdadeira magua que se avisinhava a hora derradeira.

Elle — Estou certo de que foram logo chamar o padre.

Ella — Isso é que não; como o doente viveu sempre sem religião pensaram que seria vontade sua morrer sem padre.

Elle — E verdadeiramente tinham razão. Era para mim de summo prazer conhecel-os para os poder apresentar á admiração dos meus leitores. Continuae, pois, senhora, porque a narração interessa-me vivamente.

Ella — O honrado servo feneceu em breve clausula, docemente e sem um queixume. E porque era prohibido fazer-lhe o enterro religioso acompanhado das orações da Igreja, porquanto sua vida fôra sem religião, acordou-se em se lhe prestar civis e solemnes honras funebres.

Elle — Muito embora; ao menos não cahiram na asneira dos parentes do dr. X, que para elle pediram um enterro de terceira classe.

Ella — Nem em tal se pensou, e o parocho nada teve que recusar, porque nada se lhe pediu.

Elle — E' assim que se devia obrar.

Ella — Chegado o momento do funeral, o chorado e velho creado foi levado sem cruz, sem padres e sem preces a sua derradeira jazida. Depois, descido já ao tumulo...

Elle — Houve algum discurso?

Ella — Houve, e foi seu proprio amo quem o fez.

Elle — E não se recorda, a senhora, do que lá se disse?

Ella — Recordo-me de tudo, palavra por palavra.

Elle — Permitte-me, então, a senhora, que d'elle tome nota para o inserir nas columnas do meu jornal?

Ella — Com muito gosto.

O discurso não foi demorado. Quando o cadaver já era coberto, o amo, com voz sentida, assim fallou:

— *Pobre Açôr! Não ha duvida de que em seus ultimos dias era muito rabugento, todavia era sempre um* **bom cão.**

Uma gargalhada geral acolheu estas ultimas palavras. E o jornalista, com um riso amarello, callou-se e o dialogo terminou.

A depopulação. — No caminhc de ferro, um passageiro lia attentamente o seu jornal; depois, manifestando suas impressões, commentava um artigo sobre a depopulação do seu paiz (era elle francez) e lastimava-se amargamente por vêr que a republica franceza se vae despovoando d'um modo assombroso.

— Em cinco annos, dizia elle, a população apenas se elevou a 232:000 almas, emquanto que a Inglaterra attingiu egual cifra só nos tres primeiros mezes do corrente anno.

E depois com voz maguada ajuntou:

— Já não ha rapazes!

— Estaes redondamente enganado, lhe tornou um companheiro de viagem, eu nunca vi mais rapazes em roda de mim do que hoje.

— Que ditosa terra é a sua? E quem é o senhor?

— Director de prisão.

E, em verdade, nunca as prisões e casas correccionaes de França regorgitaram tanto de menores criminosos como actualmente. O ensino immoral e anti-religioso perverte a intelligencia e o coração, e a mocidade sem moral é a causa da derrocada social que vae arruinando a França.

Lição bem dada. — Affonso, rei de Aragão, soube com grande desgosto seu que alguns pagens e criados esqueciam a reza antes e depois da comida.

Concebeu pois dar-lhes uma boa lição e n'este designio convidou-os a todos um dia á sua mesa. — Havia tambem antecipadamente chamado a ella um mendigo a quem tinha ensaiado o papel que devia desempenhar.

Chegou o dia aprazado pelo rei e todos os convidados compareceram como foram avisados.

Entre o jantar appareceu o mendigo, o qual sem dizer palavra tomou logar, comeu, bebeu e por fim retirou-se sem mais cumprimentos nem agradecimentos.

Foi geral o escandalo dos pagens á vista de proceder tão villão e grosseiro e todos conjecturavam que o rei tomaria vingança de semelhante aggravo. Mas o rei continuava socegado e silencioso.

Os pagens cochichavam e entre si murmuravam do pobre mendigo, carregando-o dos mais injuriosos epithetos.

O rei algo ouvia e sempre silencioso; mas por fim rompeu o silencio e, de rosto carregado e tom severo, assim fallou:

« Até o dia de hoje tão grosseiros e ingratos tendes sido, como esse homem. Todos os dias vosso Pae celestial vos dá o alimento necessario sem que lh'o rogueis; e nem uma palavra de agradecimento tendes para lhe dar. Envergonhe-vos vossa ingratidão e sede reconhecidos ».

— A quantas familias, que se dizem religiosas e christãs, poderia o piedoso rei dirigir hoje a mesma exprobração?

A esmola. — Estava certo dia um livre-pensador em casa d'um fervoroso catholico, quando bateu á porta um esmoleiro capuchinho. O dono da casa mostrou-se generoso, segundo o costume. O impio sorriu-se com ar sardonico.

— Quanto vos levam por anno estes frades, essas freiras, esses padres, esses sachristães e essas confrarias?

— Uns dez tostões por dia.

— E quanto tempo ha que fazeis estas despezas?

— Passa de quarenta annos.

— Que grande tolice! Se tivesseis posto todo esse dinheiro a render, podieis hoje andar muito descançado a passear de carruagem por essas ruas e alamedas.

— Imaginae, porém, que o tinha confiado nas mãos dos judeus panamistas, e hoje estaria a chuchar no dedo. Olhae, e vós não costumaes dar nada a obras pias?

— Eu?... Nada, nem um real.

— Então andae d'ahi, vamos dar um passeio na carruagem que deveis ter comprado com o fructo das vossas economias.

O livre-pensador, de corrido e envergonhado, não sabia que responder, porque as economias que negava aos pobres dispendia-as em divertimentos e prazeres, A esmola a ninguem empobrece, antes nos é penhor da vida eterna.

Tres conversões. — Ernesto Nathan, judeu de acção e faz pouco eleito gran-mestre da maçonaria italiana, tem tres sobrinhas que se converteram ao catholicismo. Desejavam ellas sahir do judaismo, ignoravam porém qual a religião que deviam abraçar. No intuito de conhecerem a verdadeira, pediram instrucções religiosas a um ministro protestante e a um padre catholico. E por fim convencidas da verdade do catholicismo, abraçaram-n'o.

Permitta o ceu que o judeu Nathan siga o exemplo de suas sobrinhas.

Agradecimento. — Mais uma vez agradecemos penhoradissimos a todos os nossos presados collegas da imprensa que teem accusado a recepção de nossa humilde publicação e que a ella se tem referido com os mais lisongeiros elogios. Não podemos deixar de citar em particular o *Jornal de Santo Thyrso*, as *Novas Leituras Populares* e o *Arauto*, jornal catholico que se publica na California, que todos nos teem dirigido elogios, que realmente nos confundem, e que por immerecidos, temos obrigação de declinar, attribuindo-os sómente á excessiva benevolencia dos illustres collegas.

Outro-sim agradecemos tambem a todos que nos teem honrado transcrevendo parte do nosso humilde trabalho.

*
* *

Advertencias. — Rogamos a todas as pessoas que desejarem se lhe remettam exemplares dos estatutos da Pia União ou medalhas de S. Antonio que dirijam sempre os seus pedidos ao ex.mo snr. Thesoureiro da *Voz de S. Antonio*, Pharmacia dos Orphãos, Braga; mórmente quando as cartas vierem acompanhadas da respectiva importancia.

— Algumas pessoas teem pedido a medalha de S. Antonio já *benta*, teem sido satisfeitas e sel-o-hão sempre as que desejarem receber assim as medalhas, e que as peçam com tal indicação. Mas lembramos que taes medalhas já bentas e indulgenciadas, *não podem ser vendidas;* por isso as pessoas que as pedirem para vender, não as devem pedir já bentas.

Advertimos tambem desde já aos nossos bondosos assignantes e leitores que não podemos satisfazer qualquer pedido d'objectos extranhos á redacção da *Voz de S. Antonio* ou á Pia União e Pão dos Pobres. Ahi fica a advertencia para que se não repitam casos desagradaveis que se teem dado.

*
* *

Correspondencia economica da Pia União até 27 de setembro de 1896:

Agueda (Borralha). — D. Rosa E. da Graça. Enviados 190 estatutos da Pia União.

Alemquer (Olhalvo). — D. Rosa C. da Cunha. Enviadas 5 medalhas de S. Antonio, já bentas. Chamamos a attenção de v. ex.ª para as advertencias feitas acima e que tambem já fizemos em postal.

Algarve (Paderne). — Joaquim B. M. Pontes. Foram os 5 estatutos da Pia União. Esperamos continuará a propagar com ardor a obra de S. Antonio.

Aveiro. — D. Maria de L. de J. e Vasconcellos. 70 estatutos da Pia União.

S. Domingos de Carmões (Ribeira). — F. da Carvalhosa. 3 medalhas de S. Antonio. Tinham sido expedidas no dia antecedente á data da reclamação de v. ex.ª. Foram das qualidades correspondentes á esmola recebida pelo snr. Thesoureiro: uma nota de 500 reis.

Guimarães. — Manoel J. d'O. Bastos. 2 encommendas postaes contendo 400 estatutos e 9 medalhas de S. Antonio (bentas); tudo enviado no dia 19 do corrente; pedimos desculpa da demora motivada pelas muitas occupações. Já antes tinham sido enviadas mais 8 medalhas *por benzer*, o que pode ser feito por qualquer sacerdote devidamente facultado, como já dissemos a v. ex.ª em carta particular.

Lisboa. — Padre Antonio R. Soares. Enviadas 3 medalhas, uma de cada qualidade.

— D. Carolina R. de Carvalho. 15 estatutos da Pia União. Foram inscriptos os nomes enviados.

— D. Maria da C. R. d'Abreu. 100 estatutos da Pia União. A's perguntas de v. ex.ª respondemos já em carta particular. Muito obrigado.

Mattosinhos (Aguiar). — José F. da H. Junior. 1 medalha como pediu.

Mogadouro. — Alberto C. M. Machado. Enviada 1 medalha de S. Antonio. Quanto ao resto respondemos já. De novo pedimos desculpa, e ficamos esperando novas ordens de v. ex.ª.

Portalegre. — D. Maria C. C. Queiroz. 2 estatutos da Pia União e 1 medalha de S. Antonio, como pedia, e juntamente um exemplar do relatorio da Pia União em 1895.

Porto. — Snr. Commendador J. F. de Moraes. Enviados logo 20 estatutos da Pia União e 2 medalhas de S. Antonio. Agradecemos.

— D. Maria M. d'A. Marques. 1 medalha de S. Antonio.

Sernache dos Alhos. — Padre Antonio R. M. da Silva. 6 medalhas de S. Antonio, como pediu. Agradecemos.

Sernancelhe. — Padre Manoel L. Pires. 22 estatutos da Pia União e 9 medalhas de S. Antonio. Mais uma vez agradecemos, em nome de S. Antonio, o zelo e desinteresse com que trabalha por sua honra.

Torres Novas. — Custodio F. da Silva. 3 medalhas de S. Antonio, *bentas*. Já respondemos em postal. Quanto ao resto, aguardamos novas ordens.

Varatojo. — Padre Fr. Agostinho do C. de Maria, enviamos logo os 100 estatutos pedidos. Muito digno de louvor e zelo de v. rev.ª Sempre ás ordens.

Villa do Conde (Azurara). — Francisco N. Mandillo. 1 medalha, ja tinha ido quando recebemos o postal; por isso julgamos inutil responder. Pedimos desculpa da demora.

Villa Nova de Cerveira. — Padre Manoel J. Esteves. 100 estatutos da Pia União. S. Antonio recompensará o zelo.

Villa Nova de Constancia. — Padre Joaquim J. Vicente. 2 medalhas e 2 estatutos da Pia União, por 2 vezes.